UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FCSAC–FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO
Curso de Rádio e Televisão

LOUCO POR TI ÁGUIA

Frederico Vieira da Silva
Julio César Boaretto
Lucas Pupio Veneziani

São José dos Campos - SP
2008.

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FCSAC–FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO

LOUCO POR TI ÁGUIA

Relatório Final apresentado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso à Banca Avaliadora da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação da Universidade do Vale do Paraíba.

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAIBA
2008

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FCSAC–FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO
Curso de Rádio e Televisão

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

"LOUCO POR TI ÁGUIA"

Frederico Vieira da Silva
Julio César Boaretto
Lucas Pupio Veneziani

Orientador: Msc. Celso Antônio Meneguetti

São José dos Campos - SP
2008.

RESUMO

Em meio a um momento tão difícil vivido pela mais importante equipe de futebol profissional de São José dos Campos, e porque não dizer do Vale do Paraíba, procuramos por meio de um rádio-documentário, resgatar a história e os momentos de maior glória vividos pelo São José Esporte Clube no ano em que completa 75 anos de vida, como por exemplo, a campanha do Campeonato Paulista de 1989, quando a Águia do Vale ficou com o vice-campeonato. O rádio-documentário traz alguns dos fatos que ocorreram desde a fundação da equipe em 1933 até os dias atuais. Hoje, o São José vive um momento delicado, mas vem se recuperando aos poucos graças ao apoio de sua apaixonada torcida. Trazer boas lembranças e esperança ao torcedor joseense é um dos objetivos do rádio-documentário: "Louco por ti Águia".

AGRADECIMENTOS

Frederico Vieira da Silva (Caranguejo)

Agradeço a Deus por me dar fé e força sempre. Aos meus pais Renê e Cristina, por serem os melhores pais que alguém possa ter. Ao meu irmão Thomaz, agora é a sua vez veio. A minha irmã Ana Rita, minha grande amiga e conselheira. A Lavininha, a minha Criança, o verdadeiro combustível da minha vida nos momentos mais difíceis. Ao meu avô Renê, que me fez acreditar que devo sempre seguir em frente nos conhecimentos. A minha avó Teresa, por toda dedicação e carinho que sempre me ofereceu. Todos eles são muito importantes pra mim. As minhas sempre amigas Bobilda, Churrcky e Pianassola, amo vocês todas. Aos amigos Caraguá e Lucas, que acreditaram nesse TCC, conseguimos, agora "é nóis"!!! A todos os colegas de sala, que sempre me ajudaram, e muito - só eles sabem disso - valeu galera de RTV. A todos os professores, em especial ao Menéga. A Chuchu, que nem imagina a importância de sua amizade, e a Rosetti, talvez se não fosse ela eu não teria escrito esses agradecimentos ainda. A todos os meus amigos de verdade, que sabem tudo o que passei pra poder chegar até aqui, ainda tenho objetivos, não acabou. Não posso deixar de agradecer também, as pessoas que torceram contra, e de certa forma dificultaram esse meu caminho, pois se não fossem elas, talvez seria muito fácil e não teria tanta graça. Obrigado a todos vocês, valeu, té+!!!

Julio César Boaretto

Agradeço primeiramente a Deus e a meu pai Leandro José Giovanni Boaretto, minha mãe Claudete Ferreira da Silva, minha irmã Gabriela Ferreira Boaretto, minha companheira Nairin de Almeida Pirk, meus padrinhos Gerson Pereira Barbosa e Vanda Boaretto Barbosa e dedico este trabalho a Danilo Boaretto Ramos.

Lucas Pupio Veneziani

Agradeço primeiramente e mais que tudo a Deus, depois a meus pais Dílson Veneziani e Ana Amélia G. P. Veneziani, minhas irmãs Flávia Pupio Veneziani e Thais Pupio Veneziani, a minha querida companheira Bruna de Mello Torres, a Vera Lucia de Mello Torres, a minha avó Maria Terezinha Goulart Pupio, pelas preces, pela preocupação, apoio, incentivo e confiança em todos nós e agradeço também aos companheiros de TCC Julio "Caraguá" e "Caranguejo".

Dedico este trabalho a meus avós Carmo Pupio, Anacleto Veneziani e Leonor Lopes Veneziani, minhas Tia-avó Carmen Lopes D'ellias e a meu tio Adriano Veneziani.

O grupo agradece a todos os professores que durante os quatro anos de curso nos enriqueceram com seus conhecimentos, em especial ao professor, orientador e amigo Celso Meneguetti. A todos os colegas de sala, os que chegaram até aqui e os que por algum motivo não participam mais do curso. Aos amigos João Moreno, Zezinho Friggi, e Alberto Simões, que com seus conhecimentos, nos ajudaram muito na conclusão deste trabalho, a toda a equipe de esportes da rádio Bandeirantes AM 1120, de São José dos Campos, em especial aos amigos Fernando Carlos (por não medir esforços, ajudando sempre), Antônio Carmo, e Celso Gomes e aos amigos: Valter Passarini (Walter Passarinho), Raminho da Malha, Robertinho do Valle, Guilherme Miranda, Fabiano Marini, e aos amigos da Gamaia Esportes.

Deus os abençoe e ilumine sempre.

São José dos Campos

2008

RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 1 - Jogos São José x Taubaté. 58

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1 – Mascote Formigão do Vale **38**

Figura 2 – Mascote Águia do Vale **38**

Figura 3 – Escudo usado Atualmente pelo SJEC **39**

Figura 4 – Escudo usado até Dezembro de1976 pelo SJEC **39**

RELAÇÃO DE FOTOS

Foto 1 - Estádio Martins Pereira, situado no bairro Jardim Paulista.
O verdadeiro "ninho da Águia".
Fonte: Guilherme Miranda. 40

SUMÁRIO

Introdução 13

Capítulo 1 – Modalidade (Rádio documentário) 17

Capítulo 2 – Breve história do rádio 19

Capítulo 3 – A história do futebol no Brasil 20

Capítulo 4 – Roteiro 22

Capítulo 5 – Orgulho da cidade 27

5.1 - O vôo mais alto da águia 30

5.2 – A campanha do São José Esporte Clube no Paulistão de 89 32

5.3 – A ficha técnica das partidas decisivas do Campeonato Paulista de 1989 34

5.4 - Curiosidades sobre a Águia do Vale 35

5.5 – Hino oficial do São José Esporte Clube 36

5.6 – Mascote 38

5.7 – Escudo 39

5.8 – O ninho da Águia 40

5.9 – Os Comandantes 42

5.10 – Os técnicos interinos 44

5.11 – Os técnicos vencedores no ECSJ e no SJEC 44

5.12 – Os técnicos que mais dirigiram a Águia do Vale em toda a História 45

5.13 – Os presidentes 46

Capítulo 6 – As Conquistas 48

6.1 – O rival 56

Considerações Finais 60

Referencias Bibliográficas 61

Anexos 63

INTRODUÇÃO

No início de agosto de 1933 em São José dos Campos, foi formada uma comissão de quatro esportistas da cidade, que deveriam tomar as primeiras providências para a organização de um novo clube: Galiano Alves, Victorio Pulga, Clementino de Oliveira e Pedro Salustiano de Faria. O Esporte Clube São José foi fundado então no dia 13 de agosto de 1933. A formação de uma nova agremiação só passou de sonho a realidade, por causa de um desentendimento entre Galiano Alves e seus companheiros de diretoria da Associação Esportiva São José, antigo clube da cidade.

Galiano Alves convidara um jogador do DER (Departamento de Estradas e Rodagens), Nhô Luiz, para integrar a equipe da Associação em um campeonato de futebol, mas ele acabou sendo desprezado. Chegou a realizar alguns treinos, mas não foi escalado no time principal nenhuma vez. Galiano Alves ficou magoado com a situação e demitiu-se da diretoria da Associação. Sua revolta o levou a procurar alguns amigos mais íntimos a fim de iniciar o trabalho para a fundação de um novo clube, uma agremiação social e esportiva para a cidade. Ficara sem ambiente para continuar na Associação Esportiva São José. De um fato aparentemente irrelevante, acabou nascendo um grande time, que se tornou a partir de então, o maior rival da Associação Esportiva São José, a quem caberia mais tarde representar o futebol profissional da cidade de São José dos Campos.

A sessão de fundação do Esporte Clube São José foi presidida por Galiano Alves e secretariada por Carlos Belmiro dos Santos, num prédio da Rua Sebastião Hummel, região central da cidade, onde foi instalada a primeira sede do clube. Mais tarde o Esporte Clube São José mudou sua sede para a Rua XV de Novembro, nº175. Por proposta do próprio Galiano Alves, foram aprovadas as cores da camisa do Esporte Clube São José: preto e branco. Coube ao esportista joseense Danilo Monteiro, desenhar o distintivo. A primeira mensalidade cobrada dos associados foi de 2 mil réis.

Na ocasião dois outros clubes da cidade fizeram fusão com o Esporte Clube São José: o Internacional Futebol Clube e o Klaxon Clube, este somente em 1938, por problemas financeiros. Durante 31 anos, o Esporte Clube São José dedicou-se, na maior parte, ao futebol amador e às suas promoções sociais. Os bailes no salão de festas eram dos mais concorridos. O clube chegou a possuir um conjunto de ritmos, o Caçula Boys, dirigido pelo professor Sérgio Weiss. Eram dois salões de baile, um do tipo americano, rústico, onde

também eram exibidos filmes para os associados. Tudo era feito com ordem, disciplina e amor pelo clube.

Já nos gramados havia uma grande rivalidade com a Associação Esportiva São José, que anos mais tarde desativou o seu departamento de futebol para construir um clube poli esportivo. O Esporte Clube São José acabou entrando para o futebol profissional, disputando uma temporada em 1957, e mais tarde encarando o desafio em definitivo, a partir de 1964, época do presidente Mário Ottoboni.

A estréia em competições oficiais aconteceu no Campeonato Paulista da Terceira Divisão. Entretanto, foi a primeira e única participação durante um longo período, que durou até 1964, quando disputou a Terceira Divisão Estadual (equivalente a atual Segunda Divisão) e foi campeão, conseguindo o acesso à "Segundona" no ano seguinte. O primeiro gol do São José quando iniciou suas atividades profissionais na Segunda Divisão do campeonato estadual foi marcado por Pedro Bala, no dia 1º de maio de 1.964, num jogo contra o Taubaté, que terminou empatado em 1 a 1, aliás essa foi a primeira partida disputada entre as duas equipes.

Em 1965, disputando o Campeonato Paulista da Segunda Divisão, o clube obteve êxito, conquistou mais um título e, conseqüentemente, mais um acesso, agora para a Primeira Divisão (atual Série A-2) que disputou em 1966. Porém, o Esporte Clube São José esteve inscrito na competição apenas até o ano seguinte, 1967, quando novamente passou por um período longe das competições oficiais, para que fosse construído o seu novo estádio, no bairro Jardim Paulista. O Estádio Martins Pereira, começou a ser construído em 1968, sacrificando o futebol profissional da cidade com o São José, que ficou dois anos desativados depois de pedir licença na Federação Paulista. Antes, o "Formigão do Vale", como também era conhecido, mandava seus jogos no estádio da Rua Antônio Saes, em um campo que também levava o sobrenome dos irmãos Mário e Nélson: Martins Pereira. Um estádio com arquibancadas de madeira e capacidade para cerca de 5 mil torcedores, e que foi vendido para a construção do novo estádio. A inauguração do novo "Martins Pereira" aconteceu no dia 15 de março de 1970, com o jogo amistoso entre Atlético-MG, de Belo Horizonte e o Internacional de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, vencido pelo time mineiro por 1 a 0. O gol foi marcado por Dário, o Dadá Maravilha, aos 29 minutos do primeiro tempo. A primeira partida do São José em sua nova casa aconteceu contra o Nacional da capital paulista, derrota por 1 a 0, no dia 22 de março de 1970. A primeira vitória só aconteceria uma semana depois, contra o Saad de São Caetano do Sul, por 2 a 1, e o primeiro gol do São José em seu novo

estádio foi marcado pelo médio volante Dias. O São José voltou às atividades em 1971, e em 1972, a equipe chegou a ser campeã da Primeira Divisão (a Série A-2 de hoje), empatando em 0 a 0 contra o Garça, na cidade do adversário, mas naquele ano o campeonato não dava direito a acesso à Divisão Especial a atual Série A-1. Em um jogo dramático, disputado no acanhado estádio da cidade de Garça, o Esporte Clube São José sagrou-se campeão paulista da Primeira Divisão, pois havia ganho o primeiro jogo de 3 a 0, no Martins Pereira, gols de Dandô, Xavier e Pedroso do Garça que marcou contra. Naquele ano não houve acesso para a Divisão Especial, o que gerou protestos em São José dos Campos. A Federação Paulista só ofereceu uma taça e um prêmio em dinheiro, pois era isso o que previa o regulamento naquele ano. Em 1976, houve um fato muito marcante na história do clube. Nesse mesmo ano, o nome da equipe foi alterado O Esporte Clube São José passou a chamar-se São José Esporte Clube e mudou as cores de sua camisa em dezembro do mesmo ano. Passou a ter como cores oficiais o azul, o amarelo e o branco (cores da bandeira da cidade de São José dos Campos). Como a tradição não se muda, considera-se apenas uma saída estratégica, apenas para fugir das dívidas. A própria Federação Paulista de Futebol considera até o hoje a existência de um único clube, embora tenha sido elaborada uma nova Ata de fundação no dia 24 de dezembro de 1976. A nova fase começou com o presidente Altamirando Negrão Palma, e um novo conselho deliberativo formado por Sampson Rozemblat, José de Castro Coimbra, Pierino Rossi, Clair Aparecido Costa, Sérgio Weiss, João Reis Quaglia, Antonio Peneluppi, Idemauro Alves Palmeiras, Vicenzo Sciamarella, Délvio Buffulin, Pedro Moacir de Almeida, Antonio Pivatto, José Jorley do Amaral, Flávio Trunkl, Luiz Del'Chiaro, Luiz Roberto Porto, Pedro Celestino de Freitas, José Luiz de Almeida, Leopoldo Weiss e Nelson Martins Pereira. E ainda foram escolhidos dez conselheiros suplentes, a saber: Felipe Antônio Cury, Paulo José Simão, Rivadávia Alves Cardoso, Maurício Peneluppi, Cléber Wilson Córdoba Lima, Luiz Antonio Sabonge, Hélio Porgues, Hamilton do Nascimento Freitas, José Nicodemo e Ruberval Bastos.

Em 1977, o nome da competição foi alterado para Campeonato Paulista da Série Intermediária, nomenclatura que permaneceu até 1979. Em 1980, passou a se chamar Segunda Divisão e, naquele ano, o São José Esporte Clube conquistou o título da competição, vencendo o Grêmio Catanduvense na final por 4 a 0 e passou à Primeira Divisão Estadual (atual Série A-1).

O clube esteve na elite do futebol paulista por três anos, até 1983, e em 1984 não participou da competição - retornou ao futebol profissional no ano seguinte, novamente na

Segunda Divisão. O São José levou mais três anos para conseguir voltar à elite. Em 1987, venceu a Série Especial e chegou à Primeira Divisão, competição que participou de 1988 a 1993, quando foi rebaixado.

De 1994 a 1996 esteve disputando à Série A-2 do Campeonato Paulista, competição que credenciou o time novamente à Série A-1 de 1997. No ano 2000, o clube foi mais uma vez rebaixado para a Série A-2 e, quatro anos mais tarde, em 2004, caiu para a Série A-3. Em 2006 conseguiu o vice-campeonato da Série A-3 e voltou a disputar à A-2, em 2007, onde permanece até os dias atuais.

Na história deste clube, apelidado de "Águia do Vale", foram constantes as quedas e ascensões . A primeira vez que o São José conquistou o direito de estar entre os grandes foi em 1972, com o título obtido na então chamada 1ª Divisão – a principal era a Especial. Mais naquele ano o título não dava direito a ascesso. O São José subiu mesmo para a elite do futebol paulista em 1981, quando disputou a final contra o Grêmio Catanduvense e obteve o título da chamada 2ª Divisão. No mesmo ano foi finalista do 2º turno. Mais uma vez caiu, e de novo retornou, dessa vez em 1988, por ter sido campeão da Divisão Especial um ano antes. Obteve nesse ano o 4º lugar. O maior feito de sua história foi o vice-campeonato paulista da divisão maior, obtido em 1989 – o São Paulo só foi campeão graças a um empate sem gols e uma vitória por 1 a 0 com um gol contra marcado pelo zagueiro André Luís. O último titulo do São José foi a Copa Vale de 1996 , o São José derrotou o Aparecida na final.

Capítulo 1 – Modalidade (Rádio-Documentário)

Um rádio-documentário começa a ser feito na etapa de pesquisa e planejamento, em que são pensados os temas e subtemas a serem abordados no programa, passa por um esboço para definir atividades que serão desenvolvidas pelos integrantes do grupo e equipe técnica. Depois disso é feito um roteiro, redação do texto do locutor, gravação das entrevistas, narração e edição do documentário. Onde é montado com suas vinhetas sonoras de entrevistas, arquivos de áudios e trilhas sonoras.

> O documentário radiofônico é um formato pouco utilizado no rádio brasileiro. A informação de aprofundamento, também classificada por Ferraretto, como Jornalismo Interpretativo, é normalmente realizada no Brasil através de reportagens, entrevistas e programas de debates.
>
> O rádio-documentário torna possível a utilização de reportagens ampliadas sobre assuntos cotidianos, o desenvolvimento do senso crítico e aguçar o imaginário do ouvinte.
>
> As possibilidades de aprofundamento no rádio-documentário a partir da veiculação de opiniões divergentes. As informações contidas em um documentário vão além do saber imediato do "quê?", "como?", "onde?", "por quê?", "quando?", podendo ser aprofundadas através da variedade de fontes, que poderão trazer inúmeras experiências e informações para contextualizar o tema. A elaboração do documentário envolve um trabalho mais rigoroso do que o da apuração e confecção da notícia.
>
> Tal produção começa a ser feita na etapa de pesquisa e planejamento, em que são pensados os temas e subtemas a serem abordados no programa, passa por um esboço para definir atividades que serão desenvolvidas pelos integrantes da equipe

técnica, é feito um roteiro, gravação das entrevistas, narração e edição do documentário.

O teórico do rádio, também destaca a possibilidade de aprofundamento na abordagem dos temas propostos no rádio-documentário**.**

Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio. [1]

[1] FERRARETO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001. (LIVRO)

CAPÍTULO 2 – Breve história do rádio

A partir de 1919, começa no Brasil a chamada "Era do Rádio". O microfone surge através da ampliação da ampliação dos recursos do bocal do telefone, conseguidos em 1920, nos Estados Unidos, por engenheiros da Westinghouse.

Foi à própria Westinghouse que fez nascer, meio por acaso, a radiodifusão. Ela fabricava aparelhos de rádio para as tropas da Primeira Guerra Mundial e com o término do conflito ficou com um grande estoque de aparelhos encalhados. A solução para evitar o prejuízo foi instalar uma grande antena o pátio da fábrica e transmitir músicas para os habitantes do bairro. Os aparelhos encalhados foram então comercializados.

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi o discurso do presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, em plena comemoração do Centenário da Independência do Brasil, no dia 07 de setembro de 1922. O discurso aconteceu em uma exposição, na Praia Vermelha – Rio de Janeiro, e o transmissor foi instalado no alto do Corcovado, pela Westinghouse Electric Co.

Para se ter uma idéia do porque a época ficou conhecida como a "Era do Rádio", nos Estados Unidos o rádio crescia surpreendentemente. Em 1921 eram quatro emissoras mais no final de 1922, os americanos contavam 382 emissoras.

A chegada do rádio comercial não demorou. Logo as emissoras reivindicaram o direito de conseguir sobreviver com seus próprios recursos. A pioneira no rádio comercial foi a WEAF de New York, pertencente à Telephone and Telegraf Co.. Ela irradiava anúncios e cobrava U$ 2 por 12 segundos de comercial e U$100 por 10 minutos.

O "pai do rádio brasileiro" foi Edgard Roquete Pinto. Ele e Henry Morize fundaram em 20 de abril de 1923, a primeira estação de rádio brasileira: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Foi aí que surgiu o conceito de "rádio sociedade" ou "rádio clube", no qual os ouvintes eram associados e contribuíam com mensalidades para a manutenção da emissora.

O Dia Mundial das Telecomunicações é comemorado em 17 de maio, porque foi nesta data, em 1865, que se instituiu a "União Telegráfica Internacional". [1]

[1] FERRARETO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001. (LIVRO)

CAPÍTULO 3 – A História do futebol no Brasil

Introduzido por Charles Miller, o futebol chegou ao Brasil no ano de 1895, na várzea do Carmo, em São Paulo.

A capital paulista foi pioneira na realização de um campeonato oficial de futebol, no ano de 1902[1], do qual participaram cinco equipes: São Paulo Athletic (campeão), C. A. Paulistano, A. A. Mackenzie College, S. C. Germânia e S. C. Internacional. O primeiro clube a praticar futebol, no Brasil, foi o Mackenzie College, em agosto de 1898 e a primeira entidade oficial Liga Paulista de Futebol foi organizada e fundada no dia 19 de dezembro de 1901.

O futebol é um esporte tão apaixonante que sempre esteve no coração dos brasileiros, tanto de homens como de mulheres. Ser campeão mundial cinco vezes fez com que o brasileiro tivesse a sensação de que vencer uma Copa do Mundo, por exemplo, é algo corriqueiro, fácil, quase que uma obrigação.

Ao se focar na trajetória do penta, sob a ótica da contribuição de cada jogador, percebe-se que a história não foi bem assim. Em toda conquista, a Seleção Brasileira viveu momentos de risco, foi cortejado pelo fantasma da eliminação, mas graças ao brilho de seus craques superou a adversidade.

Foi assim em 1958, quando a Suécia saiu na frente logo aos quatro minutos de partida, o mestre Didi pegou a bola no fundo das redes, caminhou até o centro do gramado tranquilamente e disse aos companheiros: “Vamos encher esses gringos...”.

Em 1962, foi ainda mais dramático. O Brasil perdia de 1 a 0 para a Espanha, e Nilton Santos derrubou o atacante adversário dentro da área. Impassível, levantou os braços e deu calmamente dois passos à frente. O Juiz não marcou o pênalti. Mas a Seleção ainda perdia e a virada veio nos últimos 20 minutos, com dois gols de Amarildo, que não se intimidou em substituir o ídolo Pelé, machucado.

No sofrido jogo contra a Inglaterra, em 1970, Tostão está prestes a ser substituído quando parte para sua última investida pela direita. Envolve três marcadores e toca para Pelé, que rola para Jairzinho marcar. Brasil 1 a 0.

Na Copa dos Estados Unidos, em 1994, a própria decisão por pênaltis já tornou a conquista suficientemente arriscada. Mas o que dizer da partida das quartas de final contra a Holanda, depois de abrir 2 a 0, o Brasil deixou o adversário empatar e um chute salvador do

[1] Revista PLACAR, Nº. 1097, Outubro de 1994, p. 4 - 77.

lateral-esquerdo Branco acabou com o sofrimento. Romário ainda se contorceu para desviar da bola que entrou certeira no pé da trave.

Em 2002, de novo a Inglaterra quase nos mandou de volta para a casa, depois do gol de Owen, que aproveitou a pixotada de Lúcio. Aí, entrou em cena Ronaldinho Gaúcho. Primeiro, na arrancada espetacular que deixou para trás Scholes e Cole, colocando Rivaldo em condições de empatar. Depois, no chute espírita que caiu no fundo das redes de Seaman.

Como se vê, cada estrela foi bordada com muita emoção.

Enfim, o futebol é o esporte mais popular do país, e não há quem não conheça e não se encante com ele. Todo brasileiro, seja ele homem ou mulher, tem um time de futebol para o qual torce. Times como São Paulo (único hexacampeão brasileiro e três vezes campeão do Mundo), Santos (duas vezes campeão do Mundo), Corinthians (quatro vezes campeão brasileiro) e Palmeiras (que também venceu o campeonato nacional quatro vezes, e também campeão da América) são equipes conhecidas mundialmente, e estão situadas no estado de São Paulo, um dos estados mais conhecidos a nível de futebol, e além desse estado, praticamente a região sudeste se destaca, pois conta com os clubes do Rio de Janeiro, como Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco, o estado de Minas Gerais, conta com Atlético e Cruzeiro. Mas não é só na região sudeste que o futebol fala mais alto no Brasil, no sul, mais precisamente em Porto Alegre, temos o Grêmio e o Internacional, que representa muito bem o Rio Grande do Sul, em Curitiba, temos o Coritiba, o Atlético Paranaense e o Paraná Clube, que elevam o nome da cidade, assim como no Nordeste, o Bahia e o Vitória, elevam ainda mais o nome de Salvador, o mesmo papel do Sport em Recife.

Outros clubes de futebol não são tão famosos, mais mesmo assim tem lá o seu charme, e o amor de seus torcedores, como é o caso do São José Esporte Clube.

CAPÍTULO 4 – Roteiro

PGM: "LOUCO POR TÍ ÁGUIA" **Grupo:** Lucas Pupio Julio César Boaretto Frederico Carangueijo	Tempo: 38'22''

Tema: rádio documentário contando a história do São José Esporte Clube, a Águia do Vale.

Técnica	**Tempo**	**Áudio**
1. VINHETA DE ABERTURA	37''	
2. HINO DO SÃO JOSÉ ESPORTE CLUBE	50'' – 1'35''	HINO
3. HINO VAI A BG, ENTRA LOCUÇÃO	1'35'' – 1'48''	ÉSTA É A HISTÓRIA DE UM TIME QUE ESTÁ EM NOSSOS CORAÇÕES... ...TRAZEM A TODOS OS TORÇEDORES DO SÃO JOSÉ ESPORTE CLUBE.
4. SOBE SOM DO HINO DO SJEC	1'48 – 2'06''	HINO
5. FADE OUT HINO, ENTRA LOCUÇÃO.	2'06'' – 4'24''	TUDO COMEÇOU EM PRINCIPIOS DE AGOSTO DE 1933... ...COMO CONTA O HISTORIADOR ALBERTO SIMÕES.
6. VINHETA DE PASSAGEM "ÁGUIA".	4'24'' – 4'27''	ÁGUIA DO VALE VOOU
7. SONORA1, ALBERTO SIMÕES.	4'27'' – 5'46''	O ESPORTE CLUBE SÃO JOSÉ NASCEU PARA O FUTEBOL... ... ERA O ESPORTE CLUBE SÃO JOSÉ E A ASSOSSIAÇÃO.
8. VINHETA "GOL".	5'46'' – 5'48''	GOOOOL!

9. LOCUÇÃO	‘5’48’’ – 6’44’’	ANOS MAIS TARDE A ASSOCIAÇÃO DESATIVOU SEU DEPTO. DE FUTEBOL... ...COMO NOS CONTA O PROFESSOR ALBERTO SIMÕES.
10. VINHETA “ÁGUIA”	6’44’’ – 6’48’’	
11. SONORA 2 ALBERTO SIMÕES	6’’48’’ – 7’49’’	O MAIOR ARTILHEIRO DO SÃO JOSÉ EM 57... ...RESULTADOS OFICIAIS NÃO TÊM ERROS.
12. VINHETA “GOL”	7’49’’ – 7’51’’	
13. LOCUÇÃO	7’51’’ – 9’21’’	NAQUELA TEMPORADA O ESPORTE, COMO ERA CONHECIDO... ...COMO NOS CONTA O HISTORIADOR ALBERTO SIMÕES.
14. VINHETA “ÁGUIA”	9’21’’ – 9’25’’	
15. SONORA 3 ALBERTO SIMÕES	9’25’’ – 10’13’’	O ESTÁDIO MARTINS PEREIRA FOI INAUGURADO... ...GANHANDO A FINAL DO QUADRANGULAR.
16. VINHETA “GOL”	10’13’’ – 10’15’’	
17. LOCUÇÃO	10’15’’ – 10’55’’	O JOGO INAUGURAL DO ESTÁDIO... ...COMO NARRA O LOCUTOR FIORI GIGLIOTTI.
18. VINHETA “ÁGUIA”	10’55’’ – 10’58’’	
19. NARRAÇÃO DE GOL DO DARIO (DADA MARAVILHA)	10’58’’- 11’21’’	CORREU, BATEU, A BOLA CHOCOU-SE COM A BARREIRA, SUBIU... ...TORCIDA BRASILEIRA.

20. VINHETA “GOL”.	11’21’’ – 11’23’’	
21. LOCUÇÃO	11’23’’ – 13’58’’	A PRIMEIRA PARTIDA DO SÃO JOSÉ... ...JOSEENSE FOI RECEBIDA AO REGRESSAR À CIDADE.
22. VINHETA “ÁGUIA”	13’58’’ – 14’02’’	
23. SONORA 1 COM JOÃO MORENO	14’02’’ – 14’59’’	NÓS FOMOS CAMPEÕES DO ESTADO... ...E FOI PRA NÓS UMA GRANDE FESTA.
24. VINHETA “GOL”	14’59’’ – 15’01’’	
25. LOCUÇÃO	15’01 – 17’02’’	O TIME PROFISSIONAL DA CIDADE... ...COMO EXPLICA ALBERTO SIMÓES.
26. VINHETA “ÁGUIA”	17’02’’ – 17’06’’	
27. SONORA 4 ALBERTO SIMÕES.	17’06’’ – 17’47’’	A RIVALIDADE CONTRA O TAUBATÉ... ...NO TEMPO DO FUTEBOL AMADOR.
28. VINHETA “GOL”	17’47’’ – 17’48’’	
29. LOCUÇÃO	17’48’’ – 18’26’’	JÁ EM 1980 UM DOS MELHORES TIMES... ...ESCUTA NA NARRAÇÃO DO LOCUTOR PAULO ROBERTO DE PAULA.
30. VINHETA “ÁGUIA”	18’26’’ – 18’29’’	
31. NARRAÇÃO DE GOL POR PAULO ROBERTO DE PAULA	18’29’’ – 20’03’’	NO PACAEMBU A BOLA ROLA E A PIRATININGA NÃO ENROLA... ...O SÃO JOSÉ MAIS PERTO DA PRIMEIRA DIVISÃO.
32. VINHETA “GOL”	20’23’’ – 20’05’’	

33. LOCUÇÃO	20’05’’ – 22’39’’	PARTICIPANDO DA PRINCIPAL DIVISÃO DO CAMPEONATO PAULISTA... ...COMO NOS CONTA O HISTORIADOR ALBERTO SIMÕES.
34. VINHETA “ÁGUIA”	22’39’’ – 22’42’’	
35. SONORA 5 ALBERTO SIMÕES	22’42’’ – 23’50’’	O SÃO JOSÉ REALIZOU A SUA MELHOR A CAMPANHA... ...PARTIDAS DECISIVAS AQUI NO ESTÁDIO MARTINS PEREIRA.
36. VINHETA “GOL”	23’50’’ – 23’51’’	
37. LOCUÇÃO	23’51’’ – 23’59’’	AS DUAS PARTIDAS DAS FINAIS FORAM DISPUTADAS NO ESTÁDIO DO MORUMBI... ...COMO NOS CONTA O EX-JOGADOR E HISTORIADOR ZEZINHO FRIGGI.
38. VINHETA “ÁGUIA”	23’59 – 24’05’’	
39. SONORA 1 ZEZINHO FRIGGI	24’05’’ – 24’38’’	EU NÃO SEI O CRITÉRIO QUE FOI FEITO... ...CINQÜENTA MIL TORCEDORES E O SEGUNDO TINHA NOVENTA E SETE.
40. VINHETA “GOL”	24’38’’ – 24’39’’	
41. LOCUÇÃO	24’39 – 36’02’’	NO PRIMEIRO JOGO O SÃO JOSÉ ACABOU DERROTADO.. ...COMO NARRA O LOCUTOR PAULO ROBERTO DE PAULA.
42. VINHETA “ÁGUIA”	36’02’’ – 36’05’’	
43. NARRAÇÃO GOL MIL	36’05’’ – 36’56’’	AOS 5 MINUTOS DO PRIMEIRO TEMPO PLACAR 0x0... ...E UM GOL HISTORICO, MILESIMO GOL DO SÃO JOSÉ NESSA PARTIDA AI.
44. VINHETA “GOL”	36’56’’ – 36’57’’	

45. LOCUÇÃO	36’57’’ – 37’18’’	PARA TAUBATÉ, O MAIOR RIVAL DA ÁGUIA... ...ADVERSÁRIOS QUE NÃO SERÃO PAREOS PARA A TEMIDA ÁGUIA DO VALE.
46. GRITO DE TORCIDA	37’18’’ – 37’44’’	
47. FX APITO FINAL	37’44’’ – 37’47’’	
48. HINO SÃO JOSÉ	37’49’’	
49. HINO SÃO JOSÉ VAI A BG, ENTRA CRÉDITOS	37’56’’ – 38’22’’	FIM

Capítulo 5 – Orgulho da cidade...

No início de agosto de 1933 em São José dos Campos, foi formada uma comissão de quatro esportistas da cidade, que deveriam tomar as primeiras providências para a organização de um novo clube: Galiano Alves, Victorio Pulga, Clementino de Oliveira e Pedro Salustiano de Faria. O Esporte Clube São José foi fundado então no dia 13 de agosto de 1933. A formação de uma nova agremiação só passou de sonho a realidade, por causa de um desentendimento entre Galiano Alves e seus companheiros de diretoria da Associação Esportiva São José, antigo clube da cidade[1].

Galiano Alves convidara um jogador do DER (Departamento de Estradas e Rodagens), Nhô Luiz, para integrar a equipe da Associação numa de suas partidas de futebol, mas ele acabou sendo desprezado. Chegou a realizar alguns treinos, mas não foi escalado no time principal nenhuma vez. Galiano Alves ficou magoado com a situação e demitiu-se da diretoria da Associação. Sua revolta o levou a procurar alguns amigos mais íntimos a fim de iniciar o trabalho para a fundação de um novo clube, uma agremiação social e esportiva para a cidade. Ficara sem ambiente para continuar na Associação Esportiva São José. De um fato aparentemente irrelevante, acabou nascendo um grande time, que se tornou a partir de então, o maior rival da Associação Esportiva São José, a quem caberia mais tarde representar o futebol profissional da cidade de São José dos Campos.

A sessão de fundação do Esporte Clube São José foi presidida por Galiano Alves e secretariada por Carlos Belmiro dos Santos, num prédio da rua Sebastião Hummel, região central da cidade, onde foi instalada a primeira sede do clube. Mais tarde o Esporte Clube São José mudou sua sede para a rua XV de Novembro, nº175. Por proposta do próprio Galiano Alves, foram aprovadas as cores da camisa do Esporte Clube São José: preto e branco. Coube ao esportista joseense Danilo Monteiro, desenhar o distintivo. A primeira mensalidade cobrada dos associados foi de 2 mil réis.

Na ocasião dois outros clubes da cidade fizeram fusão com o Esporte Clube São José: o Internacional Futebol Clube e o Klaxon Clube, este somente em 1938, por problemas financeiros. Durante 31 anos, o Esporte Clube São José dedicou-se, na maior parte, ao futebol amador e às suas promoções sociais. Os bailes no salão de festas eram dos mais concorridos. O clube chegou a possuir um conjunto de ritmos - o Caçula Boys, dirigido pelo professor Sérgio Weiss. Eram dois salões de baile, um do tipo americano, rústico, onde

[1] GOMES, Celso e SOUSA, Everton. *São José, 70 anos de Futebol.* P.12

também eram exibidos filmes para os associados. Tudo era feito com ordem, disciplina e amor pelo clube.

Já nos gramados havia uma grande rivalidade com a Associação Esportiva São José, que anos mais tarde desativou o seu departamento de futebol para construir um clube poli esportivo. O Esporte Clube São José acabou entrando para o futebol profissional, disputando uma temporada em 1957, e mais tarde encarando o desafio em definitivo, a partir de 1964, época do presidente Mário Ottoboni.

A estréia em competições oficiais aconteceu no campeonato paulista da terceira divisão. Entretanto, foi a primeira e única participação durante um longo período, que durou até 1964, quando disputou a Terceira Divisão Estadual (equivalente a atual Segunda Divisão nos dias de hoje) e foi campeão, conseguindo o acesso à "Segundona" no ano seguinte. O primeiro gol do São José quando iniciou suas atividades profissionais na segunda divisão do campeonato estadual foi marcado por Pedro Bala, no dia 1º de maio de 1.964, num jogo contra o Taubaté, que terminou empatado em 1 a 1.

Em 1965, disputando o Campeonato Paulista da Segunda Divisão, o clube obteve êxito, conquistou mais um título e, conseqüentemente, mais um acesso, agora para a primeira divisão (atual Série A-2) em 1966. Porém, o Esporte Clube São José esteve inscrito na competição apenas até o ano seguinte (1967), quando novamente passou por um período longe das competições oficiais.

O clube voltou às atividades em 1971, ainda na Primeira Divisão, onde permaneceu até 1976. Nesse mesmo ano, o nome da equipe foi alterado O Esporte Clube São José passou a chamar-se São José Esporte Clube e mudou as cores de sua camisa em dezembro de 1976, passou a ter como cores oficiais o azul, o amarelo e o branco (cores da bandeira da cidade de São José dos Campos). Como a tradição não se muda, considera-se apenas uma saída estratégica (fugindo das dívidas). A própria Federação Paulista de Futebol considera até o hoje a existência de um único clube, embora tenha sido elaborada uma nova Ata de fundação no dia 24 de dezembro de 1976. A nova fase começou com o presidente Altamirando Negrão Palma, e um novo conselho deliberativo formado por Sampson Rozemblat, José de Castro Coimbra, Pierino Rossi, Clair Aparecido Costa, Sérgio Weiss, João Reis Quaglia, Antonio Peneluppi, Idemauro Alves Palmeiras, Vicenzo Sciamarella, Délvio Buffulin, Pedro Moacir de Almeida, Antonio Pivatto, José Jorley do Amaral, Flávio Trunkl, Luiz Del'Chiaro, Luiz Roberto Porto, Pedro Celestino de Freitas, José Luiz de Almeida, Leopoldo Weiss e Nelson Martins Pereira. E ainda foram escolhidos dez conselheiros suplentes, a saber: Felipe Antônio Cury, Paulo José Simão, Rivadávia Alves Cardoso, Maurício Peneluppi, Cléber

Wilson Córdoba Lima, Luiz Antonio Sabonge, Hélio Porgues, Hamilton do Nascimento Freitas, José Nicodemo e Ruberval Bastos.

Em 1977, o nome da competição foi alterado para Campeonato Paulista da Série Intermediária, nomenclatura que permaneceu até 1979. Em 1980, passou a se chamar Segunda Divisão e, naquele ano, o São José Esporte Clube conquistou o título da competição, vencendo o Grêmio Catanduvense na final por 4 a 0 e passou à Primeira Divisão Estadual (atual Série A-1).

O clube esteve na elite do futebol paulista por três anos, até 1983, e em 1984 não participou da competição - retornou ao futebol profissional no ano seguinte, novamente na Segunda Divisão. O São José levou mais três anos para conseguir voltar à elite. Em 1987, venceu a Série Especial e chegou à Primeira Divisão, competição que participou de 1988 a 1993, quando foi rebaixado[1].

De 1994 a 1996 esteve disputando a Série A-2 do Campeonato Paulista, competição que credenciou o time novamente à Série A-1 de 1997. No ano 2000, o clube foi mais uma vez rebaixado para a Série A2 e, quatro anos mais tarde, em 2004, caiu para a Série A-3. Em 2006 conseguiu o vice-campeonato da Série A-3 e voltou a disputar a A-2, em 2007, onde permanece até os dias atuais.

Na história deste clube, apelidado de "Águia do Vale", foram constantes as quedas e as ascensões . A primeira vez que o São José conquistou o direito de estar entre os grandes foi em 1972, com o título obtido na então chamada 1ª Divisão – a principal era a Especial. Caiu em seguida e retornou em 1981 graças ao título obtido no ano anterior na chamada 2ª Divisão. No mesmo ano foi finalista do 2º turno. Mais uma vez caiu, e de novo retornou, dessa vez em 1988, por ter sido campeão da Divisão Especial um ano antes. Obteve nesse ano o 4º lugar. O maior feito de sua história foi o vice-campeonato paulista da divisão maior, obtido em 1989 – o São Paulo só foi campeão graças a um empate sem gols e uma vitória por 1 a 0 com um gol contra marcado pelo zagueiro André Luís. O último titulo do São José foi a Copa Vale de 1996 , o São José derrotou o Aparecida na final.

---

[1] STORTI, Valmir e FONTENELLE André. A história do Campeonato Paulista; Editora PubliFolha, 1997.

5.1–O vôo mais alto da águia

O ano de 1989 foi o ano de glórias para o São José Esporte Clube. O bom momento começou no ano anterior, quando a equipe, que voltava a disputar o Campeonato Paulista da primeira divisão, chegou em quarto lugar, perdendo por 1 a 0 para o Guarani de Campinas.

A boa campanha de 1988 foi superada em 89. Presidido por Pedro Yves Simão e tendo como seu treinador, Ademir Melo, a Águia superou grandes clubes como Portuguesa de Desportos, Santos, Palmeiras e Corinthians. Na final, a equipe acabou derrotada ao enfrentar o São Paulo Futebol Clube em dois jogos disputadíssimos, realizados no estádio do Morumbi, em São Paulo.

O time do São José terminou o Campeonato Paulista de 89 com uma campanha que somou 15 vitórias, 7 empates e 7 derrotas. A equipe marcou 39 gols e sofreu 22. Os artilheiros foram: Toni (13 gols), Vander Luiz (5 gols), Tita (5 gols), Henrique (4 gols) e Donizete (3 gols).

A trajetória do São José naquele campeonato começou com um tropeço da equipe jogando em casa. O time estreou no estádio Martins Pereira, em São José dos Campos, perdendo para a Internacional de Limeira pelo placar de 3 a 0. Um mau resultado para um time que estréia em seu campo.

Na segunda partida, mais um percalço. A Águia foi à Araraquara, enfrentar a Ferroviária, e voltou com uma derrota de 2 a 1. Os maus resultados dos dois primeiros jogos não abalaram o plantel joseense.

A primeira vitória só veio na terceira partida, quando o São José recebeu, no estádio Martins Pereira, o XV de Jaú. O placar terminou em 2 a 1, favorável à equipe joseense. Na seqüência da primeira fase, o São José Esporte Clube obteve importantes resultados que o levou a um triangular final que o pôs em confronto com a Portuguesa de Desportos e com o União São João de Araras.

O primeiro jogo do triangular foi contra a Portuguesa, em São José dos Campos. A Águia foi melhor e venceu por 2 a 1. Na segunda partida, o São José perdeu por 1 a 0 para o União São João, em Araras.

No terceiro jogo, a equipe joseense superou o time de Araras e terminou a partida com a vantagem de 3 a 1 no marcador. Na quarta e última partida do triangular, a Águia foi a São Paulo e segurou um empate em 0 a 0 contra a Portuguesa de Desportos, classificando-se, assim, para a fase semifinal.

A semifinal foi disputada entre o São José e o Corinthians. No primeiro jogo, realizado no dia 22 de junho, no estádio do Pacaembu, em São Paulo, o placar terminou 2 a 0 (gols de Dida e Cláudio Adão) para o clube da capital.

Em São José dos Campos, a partida foi disputada no Estádio Martins Pereira, no dia 25 de junho, o placar terminou em 1 a 0 para a Águia gol de Toni no tempo normal de jogo.

Na prorrogação o São José foi superior e fechou o placar com a vantagem de 2 a 0 (gols de Tita e Toni) passando, assim, para a grande final do Campeonato Paulista. Por questões de segurança, ficou definido que os dois jogos da final seriam disputados no estádio do Morumbi. A limitação de 20 mil pessoas impediu que o São José Esporte Clube disputasse um dos jogos da final em seu estádio, o Martins Pereira.

No dia 28 de junho de 1.989 chegou o momento da primeira partida da grande final. O estádio do Morumbi estava praticamente lotado, com grande maioria de são-paulinos. Em campo, a Águia acabou derrotada pelo placar de 1 a 0, com um gol contra do lateral André Luís[1].

Naquele dia, o time escolhido pelo técnico joseense, Ademir Melo, para entrar em campo foi o seguinte: Luis Henrique; Marcelo, Juninho, André Luís e Joãozinho; Delacir, Tita (Henrique) e Vander Luiz; Donizete, Toni e Marcinho (Tonho).

Para reverter à vantagem obtida pelo São Paulo no primeiro jogo, o São José precisaria vencer por qualquer placar na segunda partida. Mesmo se ganhasse pelo simples marcador de 1 a 0, o clube joseense ficaria com o título pois, por ter tido melhor campanha nas fases anteriores do campeonato, o São José tinha a vantagem do empate.

A partida estava marcada para o dia 2 de julho. Os times já estavam escalados e o árbitro da grande final já havia sido escolhido: José de Assis Aragão, que teve como seus auxiliares para aquela partida os bandeirinhas: Sérgio Fernandes do Prado e Daniel Fernandes. A expectativa era de que o estádio do Morumbi estaria lotado para aquele jogo.

A expectativa foi atingida e 97.965 pessoas compareceram ao estádio do Morumbi a fim de conferir de perto o duelo entre São José Esporte Clube e São Paulo Futebol Clube, gerando assim uma renda de Ncz$ 530.760,00[2].

A partida começou e terminou com o mesmo placar: 0 a 0. Com este resultado, o São Paulo, por ter vencido o primeiro confronto, ficou com mais um título paulista em sua história. Coube ao São José sentir o gostinho de quase ter chegado ao patamar mais alto do futebol profissional do Estado de São Paulo.

---

[1] COSTA, Alexandre. *Almanaque do São Paulo.* Editora Abril. Edição 1284-A. 2005.
[2] COSTA, Alexandre. *Almanaque do São Paulo.* Editora Abril. Edição 1284-A. 2005.

Os times entraram em campo com motivações diferentes. Enquanto a "pequena" Águia corria atrás de seu primeiro título de grande importância, o São Paulo – com importantes jogadores do futebol nacional – estava atrás de mais um campeonato paulista.

Outra meta dos jogadores do Tricolor da capital era a visibilidade que aquela final teria. Em um ano que antecedia a Copa do Mundo de 1.990, os atletas dos grandes clubes nutriam a possibilidade de ir ao principal evento do futebol mundial (a Copa do Mundo de 1.990 foi realizada na Itália com a participação de 24 países. O Brasil terminou aquela Copa na 9ª colocação, sendo eliminado nas oitavas – de – final ao perder por 1 a 0 para a Argentina. No final, a Copa foi conquistada pela Alemanha Ocidental que venceu a Argentina por 1 a 0 na partida final).

No ano seguinte em 1.990, o zagueiro são-paulino Ricardo Rocha foi um dos convocados para a Seleção Brasileira que embarcou rumo à Copa da Itália. Portanto, uma boa exibição no Campeonato Paulista poderia servir como uma mola propulsora para o principal objetivo de grande parte dos jogadores de futebol – servir à Seleção Brasileira e disputar uma Copa do Mundo.

Naquele dia, o São José entrou em campo com: Luis Henrique; Marcelo, Juninho, André Luís e Joãozinho; Delacir, Fabiano (Wilson) e Vander Luiz; Donizete (Henrique), Toni e Tita. Já o São Paulo foi a campo com: Gilmar; Zé Teodoro, Adilson, Ricardo Rocha e Nelsinho; Vizolli, Raí e Bobô (Benê); Mário Tilico, Nei (Bernardo) e Edivaldo.

5.2–A campanha do São José Esporte Clube no Paulistão de 89

A campanha do São José Esporte Clube surpreendeu a todos no Campeonato Paulista de 89. O clube começou a temporada sofrendo uma goleada de 3 a 0 em pleno estádio Martins Pereira contra a Internacional de Limeira. Somente no terceiro jogo, o segundo em seu estádio, a Águia conseguiu superar seu adversário e arrancar rumo a "finalíssima" diante do São Paulo em um Morumbi completamente lotado, em sua maioria por são-paulinos, que empurraram o time da casa rumo ao título.

Para o São José ficou o vice-campeonato, e para sua torcida apaixonada, o orgulho de ser joseense.

Confira jogo a jogo o desempenho da Águia do Vale naquele Campeonato Paulista[1].

[1]www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br/

1ª Fase

19/02/89 – São José 0 x 3 Internacional de Limeira – Martins Pereira
26/02/89 – Ferroviária 2 x 1 São José – Fonte Luminosa
01/03/89 – São José 2 x 1 XV de Novembro de Jaú – Martins Pereira
05/03/89 – XV de Piracicaba 1 x 3 São José – Barão de Serra Negra
12/03/89 – São José 2 x 0 Mogi Mirim – Martins Pereira
22/03/89 – Noroeste 0 x 4 São José – Alfredão
26/03/89 – União São João 4 x 3 São José – Hermínio Ometto
29/03/89 – São José 1 x 0 Botafogo – Martins Pereira
02/04/89 – São José 1 x 0 Catanduvense – Martins Pereira
05/04/89 – São José 3 x 0 América – Martins Pereira
09/04/89 – Novorizontino 0 x 1 São José – Jorge Ismael de Biase
15/04/89 – São José 0 x 0 São Paulo – Martins Pereira

O São José venceu nos pênaltis por 5 a 3.

19/04/89 – Guarani 0 x 0 São José – Brinco de Ouro da Princesa

O São José venceu nos pênaltis por 5 a 3.

24/04/89 – São José 1 x 1 Santos – Martins Pereira
27/04/89 – São José 0 x 0 São Bento – Martins Pereira
03/05/89 – Palmeiras 1 x 0 São José – Palestra Itália
06/05/89 – Juventus 1 x 2 São José – Rua Javari
14/05/89 – São José 1 x 0 Bragantino – Martins Pereira
17/05/89 – Portuguesa de Desportos 1 x 1 São José – Canindé
21/05/89 – São José 3 x 0 Santo André – Martins Pereira
28/05/89 – Corinthians 0 x 1 São José – Pacaembu.

Na segunda fase, o São José disputou uma vaga na semifinal enfrentando a Portuguesa de Desportos e o União São João de Araras. Os jogos foram de ida e volta, ou seja, os times jogavam em seu próprio estádio e no estádio do adversário.

2ª Fase

04/06/89 – São José 2 x 1 Portuguesa de Desportos – Martins Pereira
08/06/89 – União São João 1 x 0 São José – Hermínio Ometto
15/06/89 – São José 3 x 1 União São João – Martins Pereira
18/06/89 – Portuguesa de Desportos 0 x 0 São José – Canindé

Na semifinal, a Águia do Vale enfrentou um dos clubes de maior tradição no futebol brasileiro: o Esporte Clube Corinthians Paulista, time que tem a segunda maior torcida do país.

Semifinal
22/06/89 – Corinthians 2 x 0 São José – Pacaembu
25/06/89 – São José 3 x 0 Corinthians – Martins Pereira

No tempo normal o São José venceu por 1 a 0, e na prorrogação por 2 a 0.

Na final, o São José Esporte Clube enfrentou o forte São Paulo Futebol Clube. Mesmo jogando com a vantagem de dois empates, a Águia do Vale sucumbiu à força Tricolor e acabou perdendo o primeiro jogo pelo placar de 1 a 0.

Final

28/06/89 – São Paulo 1 x 0 São José – Morumbi
01/07/89 – São José 0 x 0 São Paulo – Morumbi

5.3 - A ficha técnica das partidas decisivas do Campeonato Paulista de 1989

1º Jogo – 28 de junho de 1.989;
São Paulo 1x0 São José
Local: Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), em São Paulo-SP;
Árbitro: Dulcídio Wanderley Boschilia;
Renda: NCz$ 261.514;
Público: 50.633;

Gol: André Luís do São José (contra), aos 41' do 2º tempo;

Cartões Amarelos: Delacir (SJ), Marcelo (SJ), Vizolli (SP), Tita (SJ), e André Luís (SJ).

São Paulo: Gilmar, Zé Teodoro, Adílson, Ricardo e Nelsinho; Vizolli, Bobô e Raí; Mário Tilico, Mazinho (Paulo César) e Edivaldo. Técnico: Carlos Alberto Silva.

São José: Luís Henrique, Marcelo, Juninho, André Luís e Joãozinho; Delacir, Tita (Henrique) e Vânder Luís; Donizetti, Tôni e Marcinho (Tonho). Técnico: Ademir Melo[1].

2º Jogo – 02 de julho de 1.989;

São José 0x0 São Paulo

Local: Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), em São Paulo-SP;

Árbitro: José de Assis Aragão;

Renda: NCz$ 530.160;

Público: 97.965;

Cartões Amarelos: Juninho (SJ), Ney (SP), e Delacir (SJ);

São José: Luís Henrique, Marcelo, Juninho, André Luís e Joãozinho; Delacir, Fabiano (Wilson) e Vânder Luís; Donizetti, Toni e Marcinho (Tonho). Técnico: Ademir Melo.

São Paulo: Gilmar, Zé Teodoro, Adílson, Ricardo e Nelsinho; Vizolli, Bobô (Benê) e Raí; Mário Tilico, Ney (Bernardo) e Edivaldo. Técnico: Carlos Alberto Silva[2].

5.4– Curiosidades sobre a Águia do Vale

Em setembro de 2.003, a revista Placar lançou uma edição especial com curiosidades sobre os 500 maiores times de futebol do Brasil, e nessa edição a revista descobriu que:

No país, destes 500 clubes pesquisados pela revista, existem 35 times com o nome de algum santo, e os que homenagearam São José são quatro: São José Esporte Clube, de São José dos Campos - SP; Sociedade Esportiva e Recreativa São José, de Macapá - AP; Grêmio Esportivo São José, de Cachoeira do Sul - RS; e Esporte Clube São José, de Porto Alegre - RS.

A cor branca está presente em quase todos os clubes, muitas vezes como uniforme número 2, como é o caso da Águia do Vale. Na camisa principal, no entanto, a preferência é pelo azul, também a situação do São José, que além do branco e azul leva o amarelo,

[1] Jornal *Vale Paraibano* - data 29 de junho de 1989.

[2] Jornal *Vale Paraibano* - 03 de julho de 1989.

formando assim uma junção das três cores da cidade de São José dos Campos. Dos 500 clubes pesquisados por Placar, a cor azul estampa o uniforme de 72 equipes, enquanto que o branco veste 67 times. As cores branca e preta na vertical, como foi o uniforme usado pelo São José até o ano de 1.976, é vestido nos dias de hoje por 35 equipes brasileiras.

Agosto de 1.933, mês e ano de fundação do São José Esporte Clube. Segundo a pesquisa da revista Placar, no mês de agosto 41 clubes foram fundados, e na década de 1.930, nasceram 39 times pelo Brasil afora.

Dos mascotes mais comuns citados pela revista Placar, a Águia é o animal escolhido por 20 desses 500 clubes, ficando assim na terceira colocação, atrás somente do Leão a escolha de 35 times e do Galo, eleito por 28 clubes. Na mesma edição da revista, na parte em que cita os mascotes mais estranhos, está o Taubaté - SP com o seu Burro. O que deixa a Águia do Vale e o Burro da Central como rivais até mesmo na escolha dos mascotes mais comuns e mascotes mais estranhos.

O goleiro Émerson Leão iniciou sua carreira profissional no São José, em 1.965. Tinha só 16 anos quando seu pai o emancipou para assinar o primeiro contrato de sua vida[1].

Mário Sérgio sentiu-se um dublê de John Wayne cercado por índios. Por isso, sacou o revólver e espantou os torcedores que rodeavam a diligência do São Paulo depois de um jogo contra o São José no estádio Martins Pereira, em São José dos Campos. "Era bala de festim", garantiu. O tiro saiu pela culatra. Ganhou o apelido de "Rei do Gatilho"[2].

5.5–Hino Oficial do São José Esporte Clube

Em 1978, Otávio Assis Fonseca Filho compôs o primeiro hino do São José Esporte Clube. A canção teve grande repercussão e foi muito tocada nas rádios de São José dos Campos.

Um ano mais tarde, a Rádio Clube (atual Rádio Bandeirantes, AM 1120) anunciou um concurso para oficializar o hino do São José. Otávio Assis venceu o concurso. Em 1980, o hino conquistou de vez a torcida, que decorou a letra para comemorar a subida da Águia para a 1ª divisão do futebol paulista.

[1] Revista placar, edição nº. 1.263-A, setembro de 2003.
[2] Revista placar, edição nº. 1.101, Março de 1.995

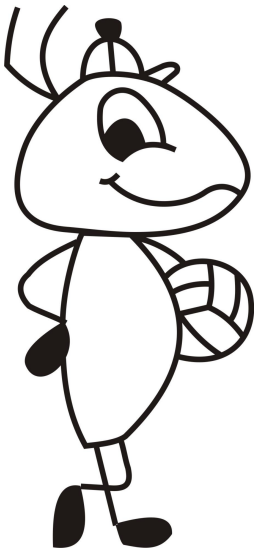
Letra e Música: Otávio Assis Fonseca Filho

Vai, pelo céu do Brasil,
Vai, nesse azul de anil,
Águia do Vale voou...
Buscando com suas garras mais um gol!
(Gol!)
Vai, glorioso esquadrão
Vai, o grande campeão
Mostrar a todo Brasil
O que é
A sua força e garra
Oh! Grande São José
Você sempre será
Orgulho do País
Contigo São José
Me sinto tão feliz
Nasceu para vitórias
És nato campeão
Orgulho da cidade
E de toda nação
Águia do Vale eu sei,
Terás vitórias mil
Irás sobrevoar
Os campos do Brasil
Não há quem te agüente,
És forte, és varonil
Campeão do meu Brasil...[1]

[1] http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1074 – Acessado em 12 de Novembro de 2008.

5.6–Mascote

Figura 1



Mascote Formigão do Vale

Figura2

Mascote Águia do Vale

O São José Esporte Clube já fez várias fusões ao longo de seus 75 anos de vida. Foi a partir de dezembro 1976, mais precisamente na gestão do presidente Laerte Pinto da Cunha, que o clube passou a utilizar o atual nome, (São José Esporte Clube). Naquele momento, o Esporte Clube São José ainda era chamado de "Formigão do Vale", devido à quantidade enorme de formigas do tipo içá que voavam pela cidade. Nesse caso os habitantes já haviam recebido apelidos como "formigueiros" e "içazeiros", referentes a esse fenômeno. Torcedores rivais chegavam a ficar semanas guardando saúvas para atirar nos jogadores do Esporte Clube São José. Para acabar com isso tudo, o time assumiu o nome e passou a ser conhecido como "Formigão do Vale". Formigão também foi título de um troféu instituído pela extinta Sociedade Amigos de São José dos Campos para condecorar personalidades e entidades que se destacassem na vida da cidade. Na administração do presidente Laerte Pinto da Cunha, o "Formigão do Vale" saiu de cena, dando espaço para a "Águia do Vale".

Para este novo momento, o São José trocou também de mascote, nesse caso a Águia foi o animal escolhido para representar o clube do Vale do Paraíba, pois se trata de um animal com muita garra e que luta até o fim contra todas as dificuldades. Pelo valor simbólico que a força da ave representaria daquele momento em diante de sua história, foi que a diretoria do São José Esporte Clube elegeu tal animal como o mascote.

Em 1989, a "Águia do Vale" mostrou a sua força quando chegou às finais do Paulista, mas acabou derrotada pelo São Paulo.

5.7–Escudo

Figura 3

Escudo usado atualmente pelo SJEC

Figura 4

Escudo usado até Dezembro de 1976 pelo SJEC

Inspirado no emblema da cidade de São José dos Campos, que é semelhante, o escudo do São José Esporte Clube surgiu com a primeira mudança de nome, em 1976, quando deixou de ser Esporte Clube São José.

Em 2003 com a mudança de nome para Esporte São José o escudo mudou também, trazendo uma águia dentro do escudo antigo. Porém em 2005, quando voltou a se chamar São José Esporte Clube, o tradicional escudo voltou.

5.8–O ninho da águia

Foto 1

Estádio Martins Pereira, situado no bairro Jardim Paulista. O verdadeiro "ninho da Águia".
Fonte: Guilherme Miranda.

Nome: Estádio Municipal Martins Pereira.

Capacidade: 15.3171

Inauguração: 15 de março de 1970

1º jogo: Atlético/MG 1 x 0 Internacional/RS

O nome foi dado em homenagem aos irmãos e fundadores do Esporte Clube São José, Mário e Nélson, e por isso o estádio leva o nome da família: Martins Pereira.

O Estádio Martins Pereira foi inaugurado no dia 15 de março de 1970, com o jogo amistoso entre Atlético/MG e Internacional/RS, vencido pelo time mineiro por 1 a 0. O gol foi marcado por Dadá Maravilha, aos 29 minutos do primeiro tempo. Naquela época, o time da cidade ainda era o Esporte Clube São José, o "Formigão do Vale", de cores alvi-negras. A primeira partida do antigo "Formigão" em seu estádio foi contra o Nacional de São Paulo, perdendo por 1 a 0, no dia 22 de março de 1970.

A primeira vitória só aconteceria uma semana depois, no dia 29 de março, contra o Saad de São Caetano do Sul, por 2 a 1. O primeiro gol da equipe joseense foi marcado pelo médio volante Dias. O estádio começou a ser construído em 1968, sacrificando o futebol profissional da cidade, que ficou dois anos desativados. Antigamente, o "Formigão do Vale" mandava seus jogos no Estádio da Rua Antônio Saes, com arquibancadas de madeira e

[1] A capacidade do estádio rege conforme a liberação dos órgãos de segurança do município.

capacidade para cerca de 5 mil torcedores, e que foi vendido para a construção do novo estádio. O antigo estádio fica aonde hoje se encontra o Templo da Igreja Universal do Reino de Deus, antes funcionava o hipermercado Jumbo Eletro. O São José Esporte Clube, já com nova ata e novo estatuto, fez seu primeiro jogo oficial no Estádio Martins Pereira em janeiro de 1977, contra o São Paulo, empatando em 0 a 0 , para um público de 4.074 espectadores.

O estádio Martins Pereira tem capacidade para cerca de 15 mil pessoas. O recorde oficial de público no estádio, foi de 22 mil pessoas, ocorrido em um jogo de 1987 , entre o São José e o São Paulo pelo Campeonato Paulista daquele ano. Especula-se que esse recorde foi batido no jogo São José 1 x 1 São Paulo pelo Paulistão de 1997. O jogo teve 19 mil pagantes e um público estimado de 5 mil pessoas que entraram de graça, o que daria um público de aproximadamente 24 mil pessoas.

O estádio não pertence ao São José Esporte Clube, pois ele foi usado para pagar uma dívida do clube. Atualmente ele é de propriedade da URBAM (Urbanizadora Municipal), órgão ligado à Prefeitura Municipal de São José dos Campos.[1]

[1] www.albertosimoes.com.br – acessado em 15 de outubro de 2008.

5.9–Os Comandantes

Desde 1957, o São José se dedicou com mais vontade ao futebol profissional. Não era mais aquela coisa amadora, a diretoria queria alçar vôos mais altos e para isso precisava de bons comandantes. Confira ano a ano, todos os técnicos que passaram pelo comando do São José[1]:

Dionísio Alves da Silva (1957)
Jorge Pinto de Souza (1957) (1964) (1972-74) (1977)
Armando Del Debbio (1964)
Oswaldo Ricardo, o Pézinho (1964)
Diede José Gomes Lameiro (1964-67) (1970-71) (1979) (2001)
Oswaldo Everaldo Alknins (1970)
Mário Lázaro de Arruda, o Can-Can (1971)
Adhemar Alves (1971) (1972) (1974-75) (1978)
Waldiney Rodrigues (1972) (1975)
Mariano (1974)
Pedro Celestino de Freitas, o Pedro Bala (1975)
Airton Diogo (1976)
José Edvar Simões (1976)
Alfredinho (1976)
João Mendes (1976-1991)
Henrique da Silva Passos (1977) (1980)
Filpo Nuñez (1977) (1979-80) (1985)
Muca (1978)
Alfredo Ramos (1979)
Nascimento (1980)
José Macia, o Pepe (1981)
Nicanor de Carvalho (1981) (1987)
Elba de Pádua Lima, o Tim (1981)
Ilzo Nery (1981)
José Maria Fidélis (1981-82) (1984)

[1] Dados do site www.albertosimoes.com.br – acessado em 28 de outubro de 2008.

Sérgio Clérice (1982-83)

Vanderlei Paiva (1983)

Rubens Sales (1983)

Alcides Romano Júnior, o Cidinho (1985)

Ademir Mello (1985) (1989) (1990) (1993) (1998) (1999) (2002)

Ciro Luiz (1985-86)

Ary Martha (1986)

Piorra Mendonça (1986)

Tadeu Ramos (1986)

Vail Motta (1987-88)

Émerson Leão (1988) (1990)

Mario Felipe Peres, o Tata (1988) (1990) (1995-96)

João Francisco (1989)

Waldemar Carabina (1989)

Mário dos Santos (1989) (1993) (1995)

Paulo Emilio (1989)

José Maria Oliveira, o Zé Maria (1991)

João Roberto Basilio (1991)

Carlos Gainete (1991)

José de Assis Aragão (1991-92) (1994)

Deodoro (1992)

Alípio Galhardo (1992)

Francisco Neto, o Chiquinho (1993)

Gilson Nunes (1993) (1996) (1999)

Othon Valentim (1993-94)

Afrânio Riul (1996)

Cabralzinho (1997)

Benê Ramos (1997)

Otacílio Pires de Camargo, o Cilinho (1997)

Ricardo Estrade (1997)

José Galli Neto (1998)

Paulo Nani (1999)

Vágner Benazzi (2000)

Zé Roberto (2000)

Juninho Fonseca (2000)

Marião (1993) (2000) (2006)

Gérson Andreotti (2000)

Sérgio Valentim (2000-01) (2005)

Pinho (2001)

Edson Mariano (2001)

Sérgio Ramirez (2001)

Celso Teixeira (2003)

Valmir Louruz (2003)

Luís dos Reis (2004)

Darcy Marques (2005-2006)

Toninho Moura (2007-2008)

André Luís (2008)

Valter Ferreira (2008)

5.10 - Os técnicos Interinos:

Um técnico interino sempre fica por poucos dias no comando de uma equipe, e quase sempre quando é acionado, o clube não está em boa situação. Confira os técnicos que passaram por essa situação na Águia[1]:

Orlando de Jesus (1971), Antônio Pedro (1983), Luís Rodrigues (1989) (1998), Paulo Roberto Coutinho (1989), Manuel Barriunuevo, o Nenê (1996), Renato Dias (1995), Uma comissão de jogadores formada por Maurício, Zé Renato e Adil, em três jogos (1998), Zé Carlos (1999).

5.11 - Os técnicos vencedores no Esporte Clube São José e no São José Esporte Clube:

Nessa lista nem todos foram realmente campeões, mais conseguiram conquistas expressivas no comando do São José. Confira quem são eles[2]:

[1] Dados do site www.albertosimoes.com.br – acessado em 28 de outubro de 2008.
[2] Dados do site www.albertosimoes.com.br – acessado em 18 de outubro de 2008.

Diede Lameiro – campeão da Terceira e da Segunda Divisão (1964 e 1965).

Jorge Pinto de Souza – campeão da Primeira Divisão (1972).

Henrique da Silva Passos – campeão da Segunda Divisão, com acesso para o Paulistão (1980). O técnico Nascimento também participou dessa campanha.

Vail Motta – campeão da Divisão Especial/Grupo Amarelo, com acesso para o Paulistão (1987).

Ademir Melo – vice-campeão paulista (1989).

Paulo Emílio – vice-campeão brasileiro da Série B, (1989), com direito ao acesso para a Primeira Divisão da CBF em 90, atual Série-A do Brasileirão.

Tata – campeão da Copa Vale (1996).

Gilson Nunes – 3º lugar na Série A-2 em 96, com acesso para o Paulistão no ano seguinte.

Marião – Vice-campeão da Série A-3 em 2006, com acesso para a Série A2 de 2007.

5.12 - Os técnicos que mais dirigiram a Águia do Vale em toda a história:

Diede Lameiro foi o técnico que mais dirigiu a equipe do São José, pra ser batido com os seus mais de 230 jogos no comando do clube vai demorar um bom tempo[1]:

Diede José Gomes Lameiro – 231 jogos

Adhemar Alves – 92 jogos

Jorge Pinto de Souza – 88 jogos

Ademir Melo – 88 jogos

José Maria Fidélis – 84 jogos

Mario Felipe Peres (Tata) – 64 jogos

Filpo Nuñez – 62 jogos

Henrique da Silva Passos – 53 jogos

José de Assis Aragão – 45 jogos

Emerson Leão – 44 jogos

[1] Dados do site www.albertosimoes.com.br – acessado em 28 de outubro de 2008.

5.13 - Os Presidentes

Além de contar com bons jogadores e técnicos, a Águia do Vale teve também, presidentes dedicados, que fizeram de tudo para elevar cada vez mais o nome do São José. Além de ser o primeiro clube profissional do Brasil a ter uma mulher no comando, com Lindonice de Brito em 1997, quando o time disputou o Campeonato Paulista da Série A-1.Abaixo a lista de todos os presidentes da história do clube[1]:

Galiano Alves, de 1933 a 1934;
Mario Cezare Porto, em 1935;
Renato Becker, de 1935 a 1940;
Mario Martins Pereira, de 1940 a 1941;
Gilberto Cará, de 1941 a 1942;
Fausto Santos Bandeira, em 1942;
José Matarazzo, em 1942, 1943, e 1944;
Higino Leonel Filho, em 1943;
Walter Monteiro Becker, de 1945 a 1948;
José Ferze Tau, em 1948 e 1950;
Antonio Nunes de Paula, em 1949;
Amim Simão, em 1951;
Danilo Monteiro, em 1952 e 1953;
Pedro Moacyr de Almeida, em 1953;
Nelson Martins Pereira, de 1953 a 1958;
Benedito Matarazzo, em 1959;
Benedito Mello, em 1959 e 1963;
Aurélio Monteiro de Barros, 1960;
Emílio Servija Martins, em 1964;
Mario Ottoboni, de 1964 a 1971;
Possidônio José de Freitas, em 1971;
Argemiro Parizzoto de Souza, em 1971;
José de Castro Coimbra, em 1971 e 1972;
Fauze Métene, de 1972 a 1975;

[1] Dados do site www.albertosimoes.com.br – acessado em 15 de Outubro de 2008.

João Lopes Moreno, em 1975;

Carlos Ferraz do Amaral, em 1975 e 1976;

Altamirando Negrão Palma, de 1976 a 1978;

Laerte Pinto da Cunha, em 1979 e 1980;

Augustin Soliva, de 1981 a 1984;

Wilson Renato de Lima, de 1984 a 1986;

Pedro Yves Simão, de 1987 a 1990;

José Pedro Dominicalli, em 1991 e 1992;

Henrique Ferro, de 1993 a 1996;

Lindonice de Brito, em 1997;

Carlos Correia Lorusso, em 1997 e 1998;

Arnaldo Pardal, em 1998;

José Francisco de Freitas, em 1998;

Cláudio Santiago, em 1999;

Manoel Bueno, em 2000;

José Luis Carvalho de Almeida, em 2001;

Pedro Yves Simão, em 2001 e 2002;

José Maria de Oliveira, em 2002 e 2003;

Benevides Ferneda, em 2003 e 2004;

Wilson Renato de Lima, de 2005 a 2007;

Hélio de Souza Fontes, de 2008 até 2010.

Capítulo 6 – As Conquistas

A título nacional, o São José chegou a conquistar o vice campeonato Brasileiro da Série B, em 1989 contra o Bragantino, ano em que perdeu na disputa da final. Mais mesmo assim assegurando vaga na divisão maior do Campeonato Brasileiro no ano seguinte.

Nos estaduais, a Águia do Vale, teve o seu maior feito também em 1989, quando disputou o título contra o São Paulo, em dois jogos emocionantes disputados no Morumbi. Naquele ano, o time do Vale do Paraíba foi vice-campeão, perdendo o primeiro jogo por 1 a 0, e empatando o segundo em 0 a 0. Nesse campeonato, o São José foi o time de melhor campanha entre todos os participantes. Na Série A-2 do Campeonato Paulista, o São José se sagrou campeão duas vezes, em 1972, quando ainda se chamava Esporte Clube São José, e em 1980.

Em 1987, o clube se sagrou vice-campeão Paulista da Série A-2, que naquela época era chamada de "Divisão Especial". O título ficou com o União São João de Araras, que conseguiu derrotar a "Águia do Vale" nos dois jogos finais. Até então o São José estava invicto na competição.

Na Série A-3, o São José também já foi campeão, em 1965, e em 2006, o time foi vice-campeão. Em 1964, o clube conquistou o Campeonato Paulista da Segunda Divisão, atual Série B-1.

Nos torneios disputados pela Águia, chegou a vencer o Torneio Rui Dória, em 1966, o Torneio do Vale do Paraíba em 1967, e a Copa Vale do Paraíba em 1996, vencendo na final a equipe de Aparecida do Norte.

Confira abaixo as grande conquistas do São José[1]**:**

Primeiro Acesso em 1964

[1] Dados do site www.albertosimoes.com.br – acessado em 23 de outubro de 2008.

Campeão da Terceira Divisão de Profissionais de 1964 – Hoje seria Segunda Divisão, onde estarão disputando em 2009, o Taubaté, o Atlético Joseense e o Jacareí.

Jogo Final

(23/05/65) – São José 0 x 0 Associação Bancária de Esportes (Fernandópolis).
Terceira Divisão/64

2º Jogo da decisão

Local : Estádio Martins Pereira.
Árbitro: sem registro nos levantamentos

São José – Sérgio; Baiano, Alfredo e Aníbal; Adhemar Alves e Dias; Leônidas, Ferreti, Bolacha, Valdir e Zezinho Friggi. Técnico – Diede Lameiro.

Destaque

Bastava o empate. No primeiro jogo o São José venceu em Fernandópolis por 2 a 1, gols de Adhemar Alves e Bolacha.; Sérgio defendeu um pênalti. O São José sagrou-se campeão da Terceira Divisão de Profissionais de 1964 para o delírio de sua torcida, que lotou o "velho" Martins Pereira, com arquibancadas de madeira, na rua Antônio Saes. Seu destaque nesta partida voltou a ser o goleiro Sérgio, com defesas espetaculares. A equipe da Bancária de Fernandópolis revelou o atacante Téia, que mais tarde foi negociado com o São Paulo Futebol Clube. Agora o São José está habilitado a disputar a Segunda Divisão de 1965.

Segundo Acesso 1965

Campeão da 2ª Divisão de Profissionais de 1965
Hoje seria a atual Série A-3

Jogo do Título

27/04/66) – São José 2 x 1 AA Orlândia – Segunda Divisão/65 Estádio Martins Pereira.
Árbitro – Anacleto Pietrobon. Público – 3.000 (estádio lotado).
Gols – Valdir e Adhemar Alves (SJ); Jonas (Orlândia).
Obs.: O goleiro Sérgio, do São José, defendeu um pênalti.

São José – Sérgio; Baiano, Alemão e Ajato; Zé Américo e Adhemar Alves; Bolacha, Ferreti, Zé Luiz, Valdir e Bicudo. Técnico - Diede Lameiro. Orlândia – Carlos; Almeida, Fábio, Marcos e Cláudio; Joaquim e Justino; Reinaldo, Ivan, Tatu e Jonas.

Destaque

O Esporte Clube São José sagra-se campeão da Segunda Divisão de Profissionais de 1965, totalizando 9 pontos ganhos (perdeu apenas três nesta fase final). A torcida fez a festa depois da vitória sobre o Orlândia. O Formigão foi promovido para a Primeira Divisão, o principal campeonato de "acesso" da Federação Paulista de Futebol, tendo sua estréia programada para o início do mês de maio.

Campeão sem acesso em 1972

Jogo do Título

(13/05/73) - São José 0 x 0 Garça (Garça) – Primeira Divisão/72 – 2ª partida da finalíssima.
Estádio Frederico Platzeck, em Garça.
Árbitro – Milton Jorge. Auxiliares – Abel Barroso Sobrinho e Antônio Barochello.
Renda – sem registro.
São José - Mário; Carioca, Marião, Alemão e Pedro Rodrigues; Dandô e Zé Carlos; Xavier, Marco Antônio, Carlinhos (Fernandinho) e Pepe. Técnico – Jorge Pinto de Souza. Garça – Chiquinho; Ari, Brito, Pedroso e Abgar; João Luiz e Grilo; Maurílio, Cláudio, Pulga (Ramalho) e Mário César (Rogério). Técnico – Francisco Valeriano.

Destaque

Em jogo dramático, disputado no acanhado estádio da cidade de Garça, o Esporte Clube São José sagrou-se campeão paulista da Primeira Divisão de 1972. Ganhou o primeiro jogo de 3 a 0, no Martins Pereira, gols de Dandô, Xavier e Pedroso, contra. Não houve acesso para a Divisão Especial, o que gerou protestos em São José dos Campos. A Federação só ofereceu uma Taça e um prêmio em dinheiro, o que previa o regulamento.

Terceiro Acesso em 1980

Campeão da 2ª Divisão de 1980, hoje a atual Série A2.

Jogo do título

(29/10) - São José 4 x 0 GE Catanduvense (Catanduva) – Segunda Divisão/Finais – Estádio Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), em São Paulo.
Gols – Tião Marino 11 e 14 (1ºT); Baitaca 29 e Edinho 38 (2ºT).
Árbitro – Dulcídio Wanderley Boschillia.
Auxiliares – Roberto Nunes Morgado e Márcio Campos Sales.
Renda – Cr$ 1.506.080,00. Público – 15.959.
São José – Tonho; Darci, Walter Passarinho, Ademir Gonçalves e Nelsinho; Ademir Melo, Tata e Esquerdinha; Edinho (China), Tião Marino (Baitaca) e Nenê. Técnico – Henrique da Silva Passos. Catanduvense – Barbiroto; Zé Luiz, Décio (Cássio), Bassi e Térsio; Zico, Edmílson e Arlem; João Carlos, Reinaldo e Adauto (Aripe). Técnico – Dalmo Gaspar.

Destaque

O São José conquista o título de campeão da Segunda Divisão e pela primeira conquista o acesso para o Paulistão.

Acesso para a Taça Ouro em 1981 (Quarto Acesso)

Jogo da Classificação

(18/10/81) - São José 1 x 0 EC Taubaté – Paulistão/Returno – Estádio Joaquim de Moraes Filho, em Taubaté.
Gol – Nenê 27 (1ºT).
Árbitro – Márcio Campos Sales.
Renda – Cr$ 2.692.300,00. Público – 13.363.
São José – Ivan; Sotter, Darci, Ademir Gonçalves e Campina; Gérson Andreotti, Ademir Melo e Esquerdinha; Edinho, Tião Marino e Nenê. Técnico – Fidélis.
Taubaté – Wagner; Cleto, Dequinha, Dias e Betinho; Carlos Alberto, China (Nenê) e Toninho Taino; Jarbas, Adilson e Lira (Antônio Carlos). Técnico – Pedro Rocha.

Destaque

O São José classificou-se para o Octogonal decisivo do segundo turno do Paulistão e garantiu vaga para a Taça de Ouro de 1982.

Quinto Acesso em 1987

Campeão do Grupo Amarelo e Vice-campeão da Divisão Especial – hoje Série A2

O jogo do acesso

(03/12/87) - São José 2 x 0 Comercial FC (Ribeirão Preto) – Divisão Especial/Finais - Estádio Francisco de Palma Travassos, em Ribeirão Preto.
Gols – Gilberto 40 (1ºT); Ricardo 29 (2ºT).
Árbitro – José de Assis Aragão.
Auxiliares – Edmundo Lima Filho e Alcírio Ferreira Walter Agostinho.
Cartão amarelo – Iraci (Comercial).
Renda – Cz$ 90.900,00. Público – 909.
São José – Moreira; Alves, Osmar Guarnelli, André Luís e Sérgio Moura; Zé Carlos, Gilberto (Manó) e Tonho; Luís Silvio, Ricardo e Ademir Padilha (Serginho). Técnico – Vail Motta.
Comercial – Gúbio; Paulinho Pereira, Luís Alberto, Iraci e Jerry; Tim, Luís Carlos e Ivair; Petróleo, Paulinho e Wilsinho (Claudinho). Técnico – Macalé.

Destaque

O São José sagrou-se campeão por antecipação do Grupo Amarelo da Divisão Especial, obtendo o direito de subir para a Primeira Divisão em 1988.

Sexto Acesso em 1989

Vice-campeão brasileiro da Série-B com direito a disputar no ano seguinte o Campeonato Brasileiro da Série-A.

Jogo do acesso

Jogo 1.117 -(13/12/89) - São José 1 x 1 AE Catuense/BA
(Alagoinhas) – Brasileiro/Divisão Especial/Semifinal Jogo de Volta
Estádio Antônio Pena, em Alagoinhas.
Gols – Vandick 47 (1ºT); Romildo 21 (2ºT).
Árbitro – Pedro Carlos Bregalda/RJ.
Auxiliares – João José Loureiro e Teodoro de Castro Lino.

Cartões amarelos – Marquinhos, Pingo e Serginho (SJ); Lameu (Catuense).
Renda – Ncz$ 25.565,00. Público – 2.731
São José – Luís Henrique; Marquinhos, Leandro, Eugênio e Joãozinho; Delacir, Pingo e Zico (Wilson Piracicaba); Henrique, Romildo e Serginho (Marcelo). Técnico – Paulo Emílio.
Catuense – Vanderlei; Toté, Lameu, Marcílio e Miguel; Marcondes (Émerson), Emo e Diógenes; Rogério Martins (Adelvando), Vandick e Esquerdinha. Técnico – Francisco Assis, o Chiquinho.

Destaque

O São José classificado para o Brasileiro da Série "A" em 1990. E vai disputar o título da Divisão Especial com o Bragantino, que também subiu.

Sétimo Acesso em 1996

Terceiro colocado do campeonato da Série A2, voltando para o Paulistão em 97.

Jogo do acesso

(21/07/96) - São José 0 x 0 AA Internacional (Limeira) –
Paulistão/Série A2/Quadrangular/2º Turno - Estádio Major José Levy Sobrinho, em Limeira.
Árbitro – Oscar Roberto Godói.
Auxiliares – Walter José dos Reis e Carlos Roberto Silva.
Cartões amarelos – Josias, Joãozinho e Basílio (SJ); Daniel Júnior (Inter).
Renda - R$ 83.790,00.
Público – 15.779.
São José – Charles; Josias, Pedro Paulo, Rangel e Joãozinho; Ademir, Nem Marcus Vinícius; Paulo Roberto (Claudinho), Basílio (Fábio) e Silva (Reginaldo). Técnico – Gilson Nunes.
Internacional – Leandro; Alberto (Jomar), Fernando, Amarildo Constâncio e Daniel Júnior; Zelito, Piá (Walmir), Tadeu e Edu Marangon; Paulinho e Cleto (Marquinhos). Técnico – Pepe.

Destaque

No outro jogo, Portuguesa Santista 1 x 0 Ituano.

Com os resultados da rodada, subiram para a Série A1: Internacional de Limeira, Portuguesa Santista e São José.

Acesso da Quarta Divisão para a Terceira em 1964
Acesso da Terceira Divisão para a Segunda 1965
Acesso da Terceira Divisão para a Segunda 2006

Foram três acessos para o Paulistão (1980, 1987 e 1996) e dois acessos para o Brasileirão (1981 e 1989)

Outros Títulos

Campeão do Torneio Rui Dória em 1966

(Além do São José, participaram desse torneio a Esportiva de Guaratinguetá, o Caçapavense e o Taubaté foram os adversários)

Jogo do título

(19/03/66) – São José 1 x 0 EC Taubaté –
Torneio Quadrangular Dr. Rui Rodrigues Dória.
Estádio Martins Pereira.
Árbitro e renda – sem registro.
Gol – Cláudio, contra.
São José- Sérgio; Baiano, Alemão e Ajato; Adhemar Alves e Zé Américo (Teodoro); Bolacha (Leônidas), Nene, Zé Luiz, Valdir e Bicudo. Técnico – Diede Lameiro.

Destaque

Ao derrotar seus três rivais do Vale do Paraiba, o Esporte Clube São José sagrou-se campeão do Torneio Quadrangular Dr. Rui Rodrigues Dória (renomado médico de São José dos Campos, falecido naquele ano). A consagração regional ocorreu em cima do seu maior rival, o Esporte Clube Taubaté, para delírio da torcida joseense.

Campeão do Torneio do Vale em 1967

(Troféu II Centenário de São José dos Campos)

Jogo do título

Jogo 165 - (14/05/67) - São José 2 x 1 AE Guaratinguetá
Torneio do Vale – Final (2º Jogo - Estádio Martins Pereira (velho), em SJ dos Campos.
Árbitro – José Batista dos Santos.
Renda – não houve (portões abertos).
Gols – Eliseu e Valdir para o São José; Gil para a Esportiva.
São José – Edson; Baiano, Meira, Flávio e Ajato; Teodoro e Valdir; Bolacha, Norival (Pio), Zé Luiz e Eliseu. Técnico – Diede Lameiro.
Esportiva – Lamim; Arnaldo, Jorge, Ribeiro e Carlinhos; Tião e Totó; Jacob, Bié (Julião), Zé Maria (Jorge Machado) e Gil.

Destaque

Com esta vitória sobre a AE Guaratinguetá, o Esporte Clube São José sagrou-se campeão do Torneio do Vale do Paraíba, ganhando merecidamente o Troféu II Centenário de São José dos Campos.

Vice-campeão do Campeonato Paulista de Divisão Especial em 1989
(Classificado para a Copa do Brasil de 1990)

Jogo final

(02/07/89) - São José 0 x 0 São Paulo FC (São Paulo) –
Primeira Divisão/Final (2º Jogo) -
Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), em São Paulo.
Árbitro – José de Assis Aragão.
Auxiliares – Sérgio Fernandes do Prado e Daniel Fernandes.
Cartões amarelos - Juninho e André Luiz (São José); Nei (São Paulo).
Renda – Ncz$ 530.760,00. Público – 97.965 (69 não pagantes).
São José – Luiz Henrique; Marcelo, Juninho, André Luiz e Joãozinho; Delacir, Fabiano (Wilson Piracicaba) e Vânder Luiz; Donizete (Henrique), Toni e Tita. Técnico – Ademir Melo.
São Paulo – Gilmar; Zé Teodoro, Adilson, Ricardo e Nelsinho; Vizolli, Bobô (Benê) e Raí; Mário Tilico, Nei (Bernardo) e Edivaldo. Técnico – Carlos Alberto Silva.

Destaque

São Paulo, campeão paulista de 89, e o São José, foi o vice-campeão paulista daquele ano. Os dois foram classificados para a Copa do Brasil de 1990.

Campeão da Copa Vale em 1996

Jogo do título

(11/02/96) - São José 2 x 0 Aparecida EC (Aparecida) –
Copa Vale /Final /2º Jogo
Estádio Martins Pereira.
Gols – Eduardo 16 e Claudinho 31 (2ºT);
Árbitro – Paulo César de Oliveira.
Auxiliares – Mário Pires do Amaral e Alaor José Rodrigues.
Expulsões – Celso e Sandro (SJ).
Cartões amarelos – Silvio, Silvinho e Claudinho (SJ); Nelson, Moisés e Vítor (Aparecida).
Renda – R$ 5.000,00. Público – 1.000.
São José – Wlamir; Josias, Silvio, Henrique (Celso) e Carlos Alberto; Oliveira, Abílio (Lindolfo) e Sandro; Silvinho (Eduardo), Silva e Claudinho. Técnico – Táta.
Aparecida – Altair; Nelson, Ânderson, Marcelo e Kubas; Moisés (Vítor), Said e Romero; Zé Carlos (Adriano), Paloma e Jaílton (Manó). Técnico – Arnaldo Madureira.
Destaque
São José, campeão da Copa Vale.

6.1 - O rival

Com certeza o maior rival do São José Esporte Clube, sem dúvida nenhuma é o Esporte Clube Taubaté, da cidade de Taubaté também no Vale do Paraíba. Essa rivalidade se arrasta desde o dia 1º de maio de 1964, quando as duas equipes se enfrentaram em um jogo amistoso na cidade de São José dos Campos. Nessa ocasião, o "Clássico do Vale" terminou empatado em 1 a 1, gols de Pedro Bala para o São José e Diango para o Taubaté. Pra essa partida o São José entrou em campo com: Sérgio; Baiano (Paulo Roque), Pereira e Teixeira;

Carlinhos e Luis Carlos (Miltinho); Itajubá (Bicudo), Pedro Bala, Cappellotto (Marciano), Nivaldo e Valdir, o técnico era Oswaldo Ricardo.

Ainda em 1964, as duas equipes disputaram mais dois amistosos, e o Taubaté venceu as duas vezes, por 2 a 0 e 1 a 0 respectivamente. No ano seguinte, foram dois jogos pelo Torneio do Vale, com mais duas vitórias do Taubaté, dessa vez vencendo por 3 a 0 nas duas vezes. Ainda em 1965 foram mais dois amistosos e dois empates, 2 a 2, e 1 a 1 respactivamente.

A primeira vitória da Águia do Vale sobre o Burro da Central, como é conhecido o Taubaté, aconteceu somente em 1966, no Torneio Rui Dória, vitória magra por 1 a 0, no dia 19 de março.

Ao todo, foram 62 jogos entre as duas equipes, sendo que São José e Taubaté venceram 20 vezes cada, e aconteceu 22 empates, a Águia marcou 55 gols, enquanto o Burro fez 59. A última vitória do São José sobre o Taubaté, aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2004 no estádio Martins Pereira, pelo Campeonato Paulista da Série A-2. Naquele mesmo ano, no dia 20 de março, o Taubaté goleou o São José por 4 a 1 no estádio Joaquinzão, em Taubaté, palco também do último encontro entre eles, o jogo aconteceu no dia 04 de fevereiro do ano passado pelo Campeonato Paulista da Série A-2, e terminou empatado em 2 a 2. Neste campeonato o Esporte Clube Taubaté foi rebaixado para a Série A-3 de 2008, e se não bastasse foi ainda rebaixado para a Série B-1 A de 2009 para a alegria dos torcedores da Águia do Vale. Sendo assim, na falta de algum amistoso, será difícil termos nos próximos anos um encontro entre o São José e o Taubaté[1].

[1] NETO, José Jorge Farah e KUSSAREV Jr., Rodolfo. Almanaque do Futebol Paulista; p.144. Editora Panini, 2002.

Confira abaixo uma tabela com todos os jogos entre as duas equipes:

Tabela -1 Jogos São José x Taubaté

1	São José , 1 x Taubaté, 1	SJC	amistoso	01/05/64
Gol – Pedro Bala (SJ) e Diango (T) São José – Sérgio; Baiano (Paulo Roque), Pereira e Teixeira; Carlinhos e Luís Carlos (Miltinho); Itajubá (Bicudo), Pedro Bala, Cappellotto (Marciano), Nivaldo e Valdir. Técnico – Oswaldo Ricardo.				
2	São José 0 x 2 Taubaté	SJC	amistoso	21/06/64
3	São José 0 x 1 Taubaté	SJC	amistoso	22/11/64
4	São José 0 x 3 Taubaté	Taubaté	Torneio do Vale	25/03/65
5	São José 0 x 3 Taubaté	SJC	Torneio do Vale	26/05/65
6	São José 2 x 2 Taubaté	SJC	amistoso	20/11/65
7	São José 1 x 1 Taubaté	Taubaté	amistoso	24/11/65
8	São José 1 x 0 Taubaté	SJC	Torneio Rui Dória	19/03/66
9	São José 1 x 1 Taubaté	SJC	campeonato	03/07/66
10	São José 2 x 1 Taubaté	Taubaté	campeonato	21/08/66
11	São José 3 x 4 Taubaté	Taubaté	Torneio do Vale	15/02/67
12	São José 3 x 0 Taubaté	SJC	Torneio do Vale	19/03/67
13	São José 1 x 2 Taubaté	Taubaté	campeonato	09/07/67
14	São José 1 x 1 Taubaté	SJC	campeonato	15/10/67
15	São José 1 x 1 Taubaté	Taubaté	amistoso	13/07/75
16	São José 1 x 2 Taubaté	Taubaté	amistoso	13/03/76
17	São José 1 x 0 Taubaté	SJC	campeonato	25/07/76
18	São José 1 x 0 Taubaté	Taubaté	campeonato	17/10/76
19	São José 1 x 0 Taubaté	Taubaté	campeonato	08/05/77
20	São José 1 x 0 Taubaté	SJC	campeonato	10/07/77
21	São José 0 x 0 Taubaté	Taubaté	campeonato	23/04/78
22	São José 0 x 0 Taubaté	SJC	campeonato	25/06/78
23	São José 0 x 1 Taubaté	Taubaté	campeonato	23/07/78
24	São José 0 x 0 Taubaté	SJC	campeonato	27/08/78
25	São José 1 x 1 Taubaté	SJC	amistoso	18/03/79
26	São José 1 x 0 Taubaté	Taubaté	amistoso	25/03/79
27	São José 2 x 0 Taubaté	Taubaté	campeonato	11/07/79
28	São José 0 x 0 Taubaté	SJC	campeonato	09/09/79
29	São José 0 x 0 Taubaté	SJC	Troféu Imprensa	23/09/79
30	São José 0 x 0 Taubaté	Taubaté	campeonato	18/11/79
31	São José 1 x 2 Taubaté	São Paulo	campeonato	29/11/79
32	São José 2 x 0 Taubaté	SJC	Seletivo/Bronze	01/02/81
33	São José 0 x 2 Taubaté	Taubaté	Seletivo/Bronze	08/02/81
34	São José 0 x 0 Taubaté	SJC	Torneio Nabi	11/03/81
35	São José 1 x 0 Taubaté	Taubaté	Torneio Nabi	28/03/81
36	São José 3 x 4 Taubaté	SJC	Paulistão	05/07/81
37	São José 1 x 0 Taubaté	Taubaté	Paulistão	18/10/81
38	São José 0 x 1 Taubaté	SJC	Paulistão	05/09/82
39	São José 0 x 1 Taubaté	Taubaté	Paulistão	07/11/82
40	São José 2 x 1 Taubaté	Taubaté	Copa do Vale	20/03/83
41	São José 1 x 1 Taubaté	SJC	Copa do Vale	01/05/83
42	São José 1 x 0 Taubaté	SJC	Paulistão	10/07/83
43	São José 0 x 0 Taubaté	Taubaté	Paulistão	09/10/83
44	São José 0 x 0 Taubaté	Taubaté	Copa CBF	01/02/84
45	São José 0 x 0 Taubaté	SJC	Copa CBF	11/02/84
46	São José 2 x 1 Taubaté	Taubaté	Copa São Paulo	06/02/85
47	São José 1 x 1 Taubaté	SJC	Copa São Paulo	16/02/85
48	São José 0 x 1 Taubaté	Taubaté	campeonato	14/07/85
49	São José 1 x 2 Taubaté	SJC	campeonato	13/10/85

50	São José 0 x 0 Taubaté	SJC	Copa do Vale	23/03/86
51	São José 1 x 0 Taubaté	SJC	campeonato	17/08/86
52	São José 0 x 2 Taubaté	Taubaté	campeonato	05/10/86
53	São José 1 x 0 Taubaté	Taubaté	campeonato	17/05/87
54	São José 0 x 1 Taubaté	SJC	campeonato	05/07/87
55	São José 2 x 0 Taubaté	SJC	amistoso	31/05/89
56	São José 0 x 0 Taubaté	SJC	amistoso	06/03/91
57	São José 2 x 0 Taubaté	Taubaté	Copa do Vale	24/01/96
58	São José 2 x 3 Taubaté	Taubaté	Copa Estado de SP	03/10/99
59	São José 1 x 3 Taubaté	SJC	Copa Estado de SP	24/10/99
60	São José 1 x 0 Taubaté	SJC	Série A2	15/02/04
61	São José 1 x 4 Taubaté	Taubaté	Série A2	20/03/04
62	São José 2 x 2 Taubaté	Taubaté	Série A2	04/02/07

Fonte: www.albertosimoes.com.br

Considerações finais

O formato de rádio-documentário foi escolhido para este Trabalho de Conclusão de Curso, pois futebol e rádio se combinam. É praticamente indispensável um radinho de pilha em um estádio de futebol, pois mesmo estando vendo cenas interessantes em um estádio, as quais a TV não consegue capturar, nem sempre se sabe o que se passa. Uma narração de futebol pelo rádio é bem mais emocionante do que pela televisão, pois na TV, a imagem faz com que o telespectador não precise ficar imaginando coisas, pois ele já está vendo, já pelo rádio, o ouvinte imagina como está sendo construída a jogada narrada naquele momento.

Os estudos e pesquisas sobre o São José Esporte Clube e o futebol, começaram como uma forma de homenagear o mais famoso clube do Vale do Paraíba e seus personagens. Pessoas que entalharam essa história nos corações dos apaixonados torcedores. Ter contato com pessoas assim foi uma experiência gratificante e de incontestável aprendizagem. Foram muitos os obstáculos encontrados no desenvolvimento deste trabalho, tais como a localização de alguns dos principais personagens e a falta de arquivos. Pois nestes setenta e cinco anos de dificuldades e glórias que se perderam com o passar do tempo, alguns personagens não tiveram o cuidado de preservá-la, o que dificultou as pesquisas do grupo. Mas ao ter conhecimento da tamanha paixão dos que acompanham esta história, mesmo antes que ela chegasse ao nosso conhecimento, foi o que nos motivou para que a cada dia não desanimássemos e enfrentássemos as dificuldades encontradas durante as pesquisas.

O desenvolvimento deste trabalho mostrou para nós do grupo, que um trabalho histórico tem muito valor, e ao mesmo tempo é dificultoso desde o seu início até o final, contribuindo com um altíssimo conhecimento para quem o confecciona.

É com enorme satisfação que finalizamos este projeto, e esperamos que ele atinja nossos objetivos, que é o de levar ao conhecimento dos apaixonados pelo clube e também dos que ainda não conhecem a fundo a verdadeira história da Águia do Vale e que sempre surjam novos “Loucos por ti Águia”.

Referências bibliográficas

Livros

SIMÕES, Alberto. *Esporte, Formigão e Águia;* Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1992.

NETO, José Jorge Farah e KUSSAREV Jr., Rodolfo. *Almanaque do Futebol Paulista;* p. 144. Editora Panini, 2002.

STORTI, Valmir e FONTENELLE André. *A história do Campeonato Paulista*; Editora PubliFolha, 1997.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa;* Editora Nova Fronteira.

VALENTINI, Danilo. *Mini-Enciclopédia do Futebol Brasileiro;* Editora Lance, 2004.

Periódicos

Jornal *Vale Paraibano* - data 29 de junho e 03 de julho de 1989,

Revistas *Placar* nº. 1.101 e 1.263-A.

Eletrônicos

- Site: http://lopezfreire.wordpress.com/2007/08/23/radiodocumentario
Acessado em 10/04/2008.

- Site: www.radiobandeirantes.com.br
Acessado em 15/04/08.

- Site: www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br
Acessado em 15/04/08.

- Site: www.albertosimoes.com.br
Acessado em 15/10/08, 18/10/08, 28/10/08

- Site: www.valeparaibano.com.br
Acessado em 15/04/08 e 16/04/08.

- http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1074 – Acessado em 12/11/08.

ANEXOS

Foto 1

Figura 1 - Galiano Alves, fundador e primeiro presidente do Esporte Clube São José.
Fonte: Guilherme Miranda.

Foto 2

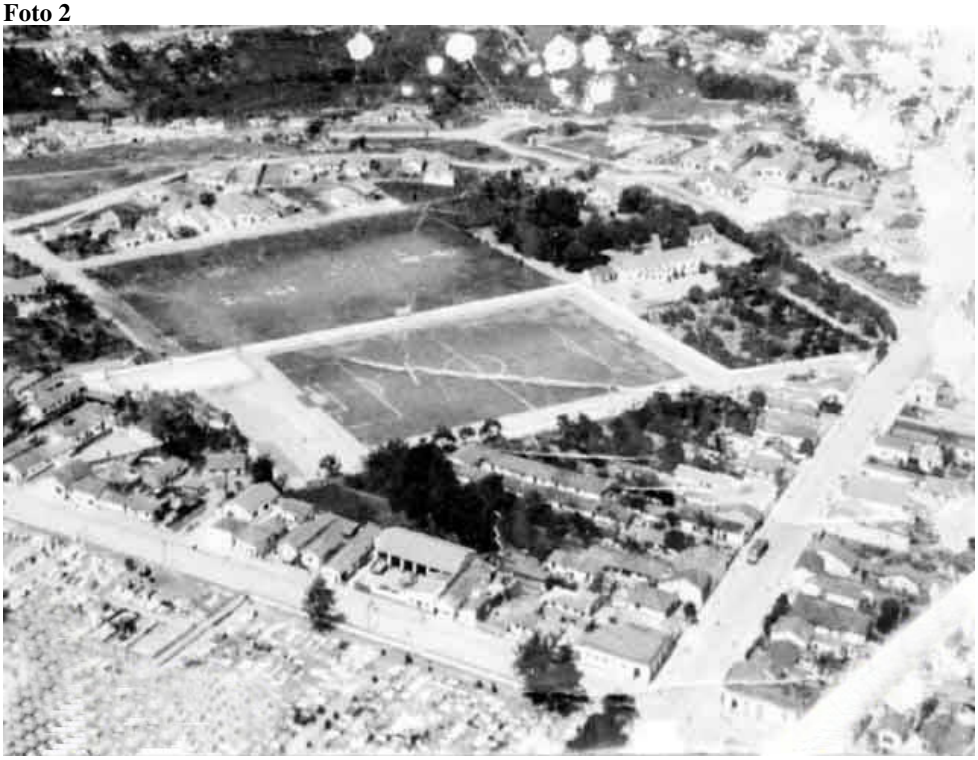


Figura 2 - Vista aérea do estádio Martins Pereira, na Rua Antônio Saes, onde o Esporte Clube São José mandava os seus jogos. No mesmo terreno hoje em dia situa-se um Templo da Igreja Universal.
Fonte: Guilherme Miranda.

Foto 3

Figura 3- Lance de gol do atacante Walter Toco. Acredita-se que tenha sido ele o primeiro artilheiro do Esporte Clube São José depois do profissionalismo do clube.
Fonte: www.albertosimoes.com.br acessado em 23/07/2008.

Foto 4

Figura 4- Tião Marino comemora um gol de bicicleta marcado contra a Ponte Preta de Campinas no Estádio Martins Pereira.
Fonte: Guilherme Miranda.

Foto 5

Figura 5- Tião Marino, o maior goleador do São José em todos os tempos: 82 gols em 224 jogos.
Fonte: Fabiano Marini.

Foto 6

Figura 6- Uma das formações do Esporte Clube São José em 1967. Em pé: Baiano, Leão, Alemão, Teodoro, Flávio e Ajato. Agachados: Pio (que depois ficou conhecido como Lance), Zé Luiz Pantera, Norival, Golê e Eliseu.
Fonte: www.albertosimoes.com.br acessado em 23/07/2008.

Foto 7

Figura 7- Esporte Clube São José, campeão da Primeira Divisão em 1972, mais sem acesso a Divisão Especial. Em pé: Ney Rodrigues (preparador físico), Marião, Alemão, Carioca, Mário, Pedro Rodrigues, Marco Antônio e o técnico Jorge Pinto de Souza. Agachados estão: Vitor Eugênio (massagista), Roque, Fernandinho, Carlinhos, Zé Carlos e Pepe.
Fonte: www.albertosimoes.com.br acessado em 23/07/2008.

Foto 8

Figura 8- Equipe do São José Esporte Clube, campeã da Segunda Divisão em 1980, conseguindo acesso para a Divisão de Elite pela primeira vez em sua história. Em pé: Vitor Eugênio (massagista), Ademir Melo, Ademir Gonçalves, Nélsinho, Valter Passarinho, To nho e Darcy. Agachados encontram-se: Edinho, Tata, Tião Marino, Esquerdinha e Nenê.
Fonte: Fabiano Marini.

Foto 9

Figura 9 - Diede Lameiro, o técnico que mais dirigiu o São José. Foram 231 jogos no comando da equipe. Fonte: Guilherme Miranda.

Pré-projeto

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA

FCSAC – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

‘LOUCO POR TI ÁGUIA’

ORIENTADOR:
Prof.MSc. Celso Antônio Meneguetti

Frederico Vieira da Silva
Julio César Boaretto
Lucas Pupio Venziani

São José dos Campos, 2008.

1- Tema

A história do São José Esporte Clube.

2- Justificativa

O rádio-documentário, LOUCO POR TI ÁGUIA, é um relato histórico radiofônico daquele que é o principal time de futebol profissional de São José dos Campos, o então, São José Esporte Clube, considerado um dos mais importantes da região do Vale do Paraíba, onde marcou a história dos clubes da região nos Campeonatos Brasileiro e Paulista.

Por essas razões, o grupo chegou à conclusão de que é relevante resgatar a história do São José Esporte Clube para apresentá-la aos torcedores que não conhecem a fundo os detalhes do clube. Devido ao longo tempo de existência da agremiação, e de seu auge ter sido na década de 80, poucas pessoas dos tempos atuais sabem sobre as glórias e as mágoas da Águia do Vale.

3- Problema

Se aprofundar nos detalhes desta história vai requerer muita pesquisa, pois os atores que há construíram não se preocuparam em documentar os momentos, e toda essa história corre o risco de se perder com o passar dos tempos. Por se tratar de um clube que está prestes a completar 75 anos de vida, são poucos os que conhecem toda essa história.

A instabilidade do São José Esporte Clube nos campeonatos que disputou nos últimos anos, gera desconfiança e certo desinteresse por parte das novas gerações de torcedores pela atual equipe.

4- Objetivo

Resgatar parte da história e fatos marcantes do São José Esporte Clube desde o "Formigão do Vale", assim chamado no início, até a "Águia do Vale", como é conhecido atualmente.

5- Metodologia de pesquisa

Serão utilizados somente arquivos radiofônicos e entrevistas desse formato que serão apresentadas no documentário, informações de livros e internet em geral, revistas, jornais e todo tipo de arquivo televisivo dos jogos do São José Esporte Clube.

O método da pesquisa documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. Assim, esta pesquisa não se confunde com a bibliográfica. É comum, na produção de monografias da área da Comunicação, coletar dados em documentos bastante diversificados:

- documentos institucionais conservados em arquivos;
- documentos institucionais de uso restrito;
- documentos pessoais, como cartas e e-mails;
- fotografias, vídeos, gravações;
- leis, projetos, regulamentos, registros de cartório;
- catálogos, listas, convites, peças de comunicação;
- instrumentos de comunicação institucionais.

"Existe uma dúvida sobre considerar relatórios impressos (relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.) como fonte documental ou fonte bibliográfica. Não há consenso sobre isso. Dessa forma sugere-se que seja avaliado cada caso e se tome a decisão no escopo da pesquisa, junto com o orientador. Se o relatório é interno à empresa, por exemplo, deve ser tomado como fonte documental. Se o relatório foi distribuído para clientes e bibliotecas, deve ser tomado como fonte bibliográfica. De qualquer modo, as fontes devem estar explicitadas na monografia".

(GIL, Antonio Carlos,1999).

Serão consultados os livros dos seguintes autores:

Robert McLeish - Abrange praticamente todos os aspectos de produção de rádio na esfera profissional.

Luiz Artur Ferraretto - Faz um estudo completo sobre este que é o mais popular veículo de comunicação brasileiro. Descreve o funcionamento de uma emissora, conta a história da radiodifusão e detalha as técnicas de redação, edição, reportagem, entrevistas, produção, apresentação, e locução.

Heródoto Barbeiro - Produção, ética, internet, e como elaborar uma pauta e conduzir uma entrevista.

Paulo Rodolfo de Lima - Produção, ética, internet, e como elaborar uma pauta e conduzir uma entrevista.

Cyro César - Explica as regras aplicadas à neurolingüísticas e exercícios práticos para os profissionais.

Paul Chantler - Fundamentos do Radiojornalismo.

Peter Stewart - Fundamentos do Radiojornalismo.

Valmir Storti - Relata a história dos clubes que participaram do Campeonato Paulista de 1902 até 1996.

André Fontenelle - Relata a história dos clubes que participaram do Campeonato Paulista de 1902 até 1996.

6- Cronograma

Janeiro	- Inicio do levantamento de dados e materiais sobre formato em jornais, revistas, TV, rádio, livros e internet.
Fevereiro	- Estudo sobre do material levantado sobre o São José Futebol Clube.
Março	- Inicio do projeto e continuação dos estudos, contato com o ex-jogador do São José Esporte Clube, Zezinho Friggi, hoje diretor do Museu do Esportes de São José dos Campos.
Abril	**-** Projeto em produção, junto aos levantamentos e estudos sobre formato e produção de programas de rádio em livros, revistas, jornais e internet; - Contato com a Rádio Bandeirantes AM 1120 e encontros com o historiador de esportes e locutor esportivo Alberto Simões, o comentarista Antônio Carmo, o ex-presidente do Esporte Clube São José, João Moreno, além do orientador – Celso Menegueti.
Maio	**-** Finalização do projeto escrito e dos levantamentos e estudos sobre formato e produção de programas de rádio em livros, revistas, jornais e internet; - Encontros com o orientador – Celso Menegueti.
Junho	**-** Entrega do pré-projeto e apresentação para a pré-banca; - Gravação de entrevistas.
Julho	**-** Continuação das gravações; - Inicio da produção do roteiro para o rádio documentário.
Agosto	**-** Finalização do roteiro; - Continuação das gravações.
Setembro	**-** Continuidade nas gravações do rádio documentário; - Começo da edição.
Outubro	**-** Pós-produção, edição e finalização do rádio documentário.
Novembro	**-** Entrega e apresentação do trabalho de conclusão de curso para a banca avaliadora.

7- Projeção dos capítulos

São cerca de cinco capítulos, onde serão abordados temas como:

- Os títulos conquistados;
- O vice-campeonato de 1989;
- Os técnicos e presidentes que já passaram pelo clube;
- A rivalidade histórica contra o Esporte Clube Taubaté;
- Curiosidades sobre o clube, além da introdução, do roteiro, o esclarecimento do uso do rádio na transmissão de jogos de futebol, e a bibliografia.
- Pré-roteiro:

PGM: LOUCO POR TÍ ÁGUIA		TEMPO
ABERTURA VOZ MASCULINA FX	TEXTO DE ABERTURA	
VOZ MASCULINA	TEXTO DE INTRODUÇÃO DO FUTEBOL NO RÁDIO E SOBRE O SJEC	
MUSICA	HINO DO SÃOJOSÉ-EC	--‘—‘’
SONORA	JOÃO MORENO	--‘—‘’
VOZ MASCULINA	TEXTO DE PASSAGEM	--‘—‘’
TRILHA SONORA	----------	--‘—‘’
SONORA	EX-JOGADOR DO SJEC	--‘—‘’
VOZ MASCULINA	TEXTO DE EXPLICAÇÃO DA FINAL DO CAMPEONATO DE 1989	--‘—‘’
SONORA	EX-JOGADOR E ATUAL TECNICO DO SJEC ANDRÉ LUIZ	--‘—‘’
VOZ MASCULINA	TEXTO SOBRE CURIOSIDADES DO SJEC	--‘—‘’
SONORA	ALBERTO SIMOES	--‘—‘’
SONORA	ZEZINHO FRIGGI	--‘—‘’
VOZ MASCULINA	TEXTO SOBRE A RIVALIDADE DO SJEC CONTRA O “BURRO” (EC-TAUBATÉ)	
TRILHA SONORA	---------- PASSAGEM---------	--‘—‘’
VOZ MASCULINA	TEXTO DE ENCERRAMENTO	--‘—‘’
TRILHA SONORA	----------	--‘—‘’

Será entregue um rádio documentário, contendo sonoras do fato.

8- Modalidade

O documentário radiofônico é um formato pouco utilizado no rádio brasileiro. A informação de aprofundamento, também classificada por Ferraretto, como Jornalismo Interpretativo, é normalmente realizada no Brasil através de reportagens, entrevistas e programas de debates.

"O rádio-documentário torna possível a utilização de reportagens ampliadas sobre assuntos cotidianos, o desenvolvimento do senso crítico e aguçar o imaginário do ouvinte". (FERRARETTO, 2001; MCLEISH, 2001).

As possibilidades de aprofundamento no rádio-documentário a partir da veiculação de opiniões divergentes. As informações contidas em um documentário vão além do saber imediato do "quê?", "como?", "onde?", "por quê?", "quando?", podendo ser aprofundadas através da variedade de fontes, que poderão trazer inúmeras experiências e informações para contextualizar o tema. A elaboração do documentário envolve um trabalho mais rigoroso do que o da apuração e confecção da notícia.

"Tal produção começa a ser feita na etapa de pesquisa e planejamento, em que são pensados os temas e subtemas a serem abordados no programa, passa por um esboço para definir atividades que serão desenvolvidas pelos integrantes da equipe técnica, é feito um roteiro, gravação das entrevistas, narração e edição do documentário". (FERRARETTO, 2001)

O teórico do rádio, também destaca a possibilidade de aprofundamento na abordagem dos temas propostos no rádio-documentário**.**

"Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio". (FERRARETTO, 2001, p. 57).

9- Desenvolvimento do documentário

Foram discutidas propostas e algumas alternativas, sendo decidida como a melhor à elaboração de um documentário radiofônico contando a história do São José Esporte Clube. O intuito é mostrar à história desses quase 75 anos de vida da agremiação, as glórias, os fatos marcantes, as curiosidades, tudo isso contado por quem realmente viveu a história e ajudou a construí-la, podendo assim homenagear a agremiação e essas pessoas que participaram de alguma forma na construção desses fatos, seja o presidente ou até mesmo um torcedor fanático do São José Esporte Clube que é um dos maiores orgulhos da cidade de São José dos Campos, como cita o hino do clube.

A escolha do Trabalho de Conclusão de Curso sobre o rádio, deu-se pelo motivo de todos nós do grupo gostarmos muito do modo que é feito o rádio, diferentemente do vídeo, pois quando é feito um documentário em vídeo, quem o faz se preocupa mais com a qualidade das imagens, do que com o conteúdo do documentário.

Já no rádio, para se ter um trabalho mais completo, você precisa de um bom conteúdo, de um bom entrevistado, de um bom áudio, e se ter vários assuntos abordados dentro do documentário.

No rádio-documentário torna possível a utilização de reportagens ampliadas sobre assuntos cotidianos, o desenvolvimento do senso crítico e também o aguçamento do imaginário do ouvinte, que classifica a reportagem como gênero mais rico do jornalismo, destacando-se o potencial de aprofundamento das informações em contraposição ao gênero noticioso.

O rádio documentário nos dá às possibilidades de aprofundamento a partir da veiculação de opiniões divergentes.

"O rádio-documentário, diferentemente da notícia - no caso da reportagem - abre espaço para mais de um ponto de vista: as documentações podem ser variadas, diversificadas e múltiplas, podendo incluir e desenvolver os dados que ficaram fora da notícia". (FERRARETTO, 2001).

As informações contidas em um documentário vão além do saber imediato do "quê?", "como?", "onde?", "por quê?", "quando?", podendo ser aprofundadas através da multiplicidade de fontes, que poderão trazer inúmeras experiências e informações para contextualizar o tema. A elaboração do documentário envolve um trabalho mais rigoroso do que o da apuração e confecção da notícia. Tal produção começa a ser feita na etapa de pesquisa e planejamento, em que são pensados os temas e subtemas a serem abordados no programa, passa por um esboço para definir atividades que serão desenvolvidas pelos

integrantes da equipe técnica, é feito um roteiro (script), redação do texto do locutor, gravação das entrevistas, narração e edição do documentário.

O teórico do rádio também destaca a possibilidade de aprofundamento na abordagem dos temas propostos no rádio-documentário. Isso se baseia em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio.

O rádio - documentário é um formato pouco utilizado no rádio brasileiro. A informação de aprofundamento, também jornalismo interpretativo, é normalmente realizada no Brasil através de reportagens, entrevistas e programas de debates.

A intenção desse rádio-documentário é resgatar fatos da história do São José Esporte Clube, que muitos não sabem, de entrevistar pessoas que gostem e conheçam histórias interessantes do clube, falar sobre curiosidades que quase ninguém conhece ou se recorda, e com isso, até mesmo poder atrair a atenção de um público que não gosta tanto assim de futebol como nós.

Capítulo 1 - Breve história do rádio

A partir de 1919, começa no Brasil a chamada "Era do Rádio". O microfone surge através da ampliação da ampliação dos recursos do bocal do telefone, conseguidos em 1920, nos Estados Unidos, por engenheiros da Westinghouse.

Foi a própria Westinghouse que fez nascer, meio por acaso, a radiodifusão. Ela fabricava aparelhos de rádio para as tropas da Primeira Guerra Mundial e com o término do conflito ficou com um grande estoque de aparelhos encalhados. A solução para evitar o prejuízo foi instalar uma grande antena o pátio da fábrica e transmitir músicas para os habitantes do bairro. Os aparelhos encalhados foram então comercializados.

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi o discurso do presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, em plena comemoração do Centenário da Independência do Brasil, no dia 07 de setembro de 1922. O discurso aconteceu em uma exposição, na Praia Vermelha – Rio de Janeiro, e o transmissor foi instalado no alto do Corcovado, pela Westinghouse Electric Co.

Para se ter uma idéia do porque a época ficou conhecida como a "Era do Rádio", nos Estados Unidos o rádio crescia surpreendentemente. Em 1921 eram quatro emissoras mais no final de 1922, os americanos contavam 382 emissoras.

A chegada do rádio comercial não demorou. Logo as emissoras reivindicaram o direito de conseguir sobreviver com seus próprios recursos. A pioneira no rádio comercial foi a WEAF de New York, pertencente à Telephone and Telegraf Co.. Ela irradiava anúncios e cobrava U$ 2 por 12 segundos de comercial e U$100 por 10 minutos.

O "pai do rádio brasileiro" foi Edgard Roquete Pinto. Ele e Henry Morize fundaram em 20 de abril de 1923, a primeira estação de rádio brasileira: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Foi aí que surgiu o conceito de "rádio sociedade" ou "rádio clube", no qual os ouvintes eram associados e contribuíam com mensalidades para a manutenção da emissora.

O Dia Mundial das Telecomunicações é comemorado em 17 de maio, porque foi nesta data, em 1865, que se instituiu a "União Telegráfica Internacional".

Capítulo 2 - De Charles Miller ao Penta, a história do futebol no Brasil.

Introduzido por Charles Miller, o futebol chegou ao Brasil no ano de 1895, na várzea do Carmo, em São Paulo.

A capital paulista foi pioneira na realização de um campeonato oficial de futebol, no ano de 1902[1], do qual participaram cinco equipes: São Paulo Athletic (campeão), C. A. Paulistano, A. A. Mackenzie College, S. C. Germânia e S. C. Internacional. O primeiro clube a praticar futebol, no Brasil, foi o Mackenzie College, em agosto de 1898 e a primeira entidade oficial Liga Paulista de Futebol foi organizada e fundada no dia 19 de dezembro de 1901.

O futebol é um esporte tão apaixonante que sempre esteve no coração dos brasileiros, tanto de homens como de mulheres. Ser campeão mundial cinco vezes fez com que o brasileiro tivesse a sensação de que vencer uma Copa do Mundo, por exemplo, é algo corriqueiro, fácil, quase que uma obrigação.

Ao se focar na trajetória do penta, sob a ótica da contribuição de cada jogador, percebe-se que a história não foi bem assim. Em toda conquista, a Seleção Brasileira viveu momentos de risco, foi cortejado pelo fantasma da eliminação, mas graças ao brilho de seus craques superou a adversidade.

Foi assim em 1958, quando a Suécia saiu na frente logo aos quatro minutos de partida, o mestre Didi pegou a bola no fundo das redes, caminhou até o centro do gramado tranquilamente e disse aos companheiros: “Vamos encher esses gringos...”.

Em 1962, foi ainda mais dramático. O Brasil perdia de 1 a 0 para a Espanha, e Nilton Santos derrubou o atacante adversário dentro da área. Impassível, levantou os braços e deu calmamente dois passos à frente. O Juiz não marcou o pênalti. Mas a Seleção ainda perdia e a virada veio nos últimos 20 minutos, com dois gols de Amarildo, que não se intimidou em substituir o ídolo Pelé, machucado.

No sofrido jogo contra a Inglaterra, em 1970, Tostão está prestes a ser substituído quando parte para sua última investida pela direita. Envolve três marcadores e toca para Pelé, que rola para Jairzinho marcar. Brasil 1 a 0.

Na Copa dos Estados Unidos, em 1994, a própria decisão por pênaltis já tornou a conquista suficientemente arriscada. Mas o que dizer da partida das quartas de final contra a Holanda, depois de abrir 2 a 0, o Brasil deixou o adversário empatar e um chute salvador do

[1] Revista PLACAR, Nº. 1097, Outubro de 1994, p. 4 - 77.

lateral-esquerdo Branco acabou com o sofrimento. Romário ainda se contorceu para desviar da bola que entrou certeira no pé da trave.

Em 2002, de novo a Inglaterra quase nos mandou de volta para a casa, depois do gol de Owen, que aproveitou a pixotada de Lúcio. Aí, entrou em cena Ronaldinho Gaúcho. Primeiro, na arrancada espetacular que deixou para trás Scholes e Cole, colocando Rivaldo em condições de empatar. Depois, no chute espírita que caiu no fundo das redes de Seaman. Como se vê, cada estrela foi bordada com muita emoção.

Enfim[2], o futebol é o esporte mais popular do país, e não há quem não conheça e não se encante com ele. Todo brasileiro, seja ele homem ou mulher, tem um time de futebol para o qual torce. Times como São Paulo, Santos, Corinthians e Palmeiras, são equipes conhecidas mundialmente, e estão situadas no estado de São Paulo, um dos estados mais conhecidos a nível de futebol, e além desse estado, praticamente a região sudeste se destaca, pois conta com os clubes do Rio de Janeiro, como Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco, o estado de Minas Gerais, conta com Atlético Mineiro e Cruzeiro. Mais não é só na região sudeste que o futebol fala mais alto no Brasil, no sul, mais precisamente em Porto Alegre, temos o Grêmio e o Internacional, que representa muito bem o Rio Grande do Sul, em Curitiba, temos o Coritiba, o Atlético Paranaense e o Paraná Clube, que elevam o nome da cidade, assim como no Nordeste, o Bahia e o Vitória, elevam ainda mais o nome de Salvador. Outros clubes de futebol não são tão famosos, mais mesmo assim tem lá o seu charme, e o amor de seus torcedores, como é o caso do São José Esporte Clube.

---

[2] http://www.suapesquisa.com/futebol/

Capítulo 3 – A história do São José Esporte Clube

No início de agosto de 1933 em São José dos Campos, foi formada uma comissão de quatro esportistas da cidade, que deveriam tomar as primeiras providências para a organização de um novo clube: Galiano Alves, Victorio Pulga, Clementino de Oliveira e Pedro Salustiano de Faria. O Esporte Clube São José foi fundado então no dia 13 de agosto de 1933. A formação de uma nova agremiação só passou de sonho a realidade, por causa de um desentendimento entre Galiano Alves e seus companheiros de diretoria da Associação Esportiva São José, antigo clube da cidade.

Galiano Alves convidara um jogador do DER (Departamento de Estradas e Rodagens), Nhô Luiz, para integrar a equipe da Associação numa de suas partidas de futebol, mas ele acabou sendo desprezado. Chegou a realizar alguns treinos, mas não foi escalado no time principal nenhuma vez. Galiano Alves ficou magoado com a situação e demitiu-se da diretoria da Associação. Sua revolta o levou a procurar alguns amigos mais íntimos a fim de iniciar o trabalho para a fundação de um novo clube, uma agremiação social e esportiva para a cidade. Ficara sem ambiente para continuar na Associação Esportiva São José. De um fato aparentemente irrelevante, acabou nascendo um grande time, que se tornou a partir de então, o maior rival da Associação Esportiva São José, a quem caberia mais tarde representar o futebol profissional da cidade de São José dos Campos.

A sessão de fundação do Esporte Clube São José foi presidida por Galiano Alves e secretariada por Carlos Belmiro dos Santos, num prédio da rua Sebastião Hummel, região central da cidade, onde foi instalada a primeira sede do clube. Mais tarde o Esporte Clube São José mudou sua sede para a rua XV de Novembro, nº175. Por proposta do próprio Galiano Alves, foram aprovadas as cores da camisa do Esporte Clube São José: preto e branco. Coube ao esportista joseense Danilo Monteiro, desenhar o distintivo. A primeira mensalidade cobrada dos associados foi de 2 mil réis.

Na ocasião dois outros clubes da cidade fizeram fusão com o Esporte Clube São José: o Internacional Futebol Clube e o Klaxon Clube, este somente em 1938, por problemas financeiros. Durante 31 anos, o Esporte Clube São José dedicou-se, na maior parte, ao futebol amador e às suas promoções sociais. Os bailes no salão de festas eram dos mais concorridos. O clube chegou a possuir um conjunto de ritmos - o Caçula Boys, dirigido pelo professor Sérgio Weiss. Eram dois salões de baile, um do tipo americano, rústico, onde também eram exibidos filmes para os associados. Tudo era feito com ordem, disciplina e amor pelo clube.

Já nos gramados havia uma grande rivalidade com a Associação Esportiva São José, que anos mais tarde desativou o seu departamento de futebol para construir um clube poliesportivo. O Esporte Clube São José acabou entrando para o futebol profissional, disputando uma temporada em 1957, e mais tarde encarando o desafio em definitivo, a partir de 1964, época do presidente Mário Ottoboni.

A estréia em competições oficiais aconteceu no Campeonato Paulista da Terceira Divisão. Entretanto, foi a primeira e única participação durante um longo período, que durou até 1964, quando disputou a Terceira Divisão Estadual (equivalente a atual Segunda Divisão nos dias de hoje) e foi campeão, conseguindo o acesso à "Segundona" no ano seguinte. O primeiro gol do São José quando iniciou suas atividades profissionais na segunda divisão do campeonato estadual foi marcado por Pedro Bala, no dia 1º de maio de 1.964, num jogo contra o Taubaté, que terminou empatado em 1 a 1.

Em 1965, disputando o Campeonato Paulista da Segunda Divisão, o clube obteve êxito, conquistou mais um título e, conseqüentemente, mais um acesso, agora para a Primeira Divisão (atual Série A-2) em 1966. Porém, o Esporte Clube São José esteve inscrito na competição apenas até o ano seguinte (1967), quando novamente passou por um período longe das competições oficiais.

O clube voltou às atividades em 1971, ainda na Primeira Divisão, onde permaneceu até 1976. Nesse mesmo ano, o nome da equipe foi alterado O Esporte Clube São José passou a chamar-se São José Esporte Clube e mudou as cores de sua camisa em dezembro de 1976, passou a ter como cores oficiais o azul, o amarelo e o branco (cores da bandeira da cidade de São José dos Campos). Como a tradição não se muda, considera-se apenas uma saída estratégica (fugindo das dívidas). A própria Federação Paulista de Futebol considera até o hoje a existência de um único clube, embora tenha sido elaborada uma nova Ata de fundação no dia 24 de dezembro de 1976. A nova fase começou com o presidente Altamirando Negrão Palma, e um novo conselho deliberativo formado por Sampson Rozemblat, José de Castro Coimbra, Pierino Rossi, Clair Aparecido Costa, Sérgio Weiss, João Reis Quaglia, Antonio Peneluppi, Idemauro Alves Palmeiras, Vicenzo Sciamarella, Délvio Buffulin, Pedro Moacir de Almeida, Antonio Pivatto, José Jorley do Amaral, Flávio Trunkl, Luiz Del'Chiaro, Luiz Roberto Porto, Pedro Celestino de Freitas, José Luiz de Almeida, Leopoldo Weiss e Nelson Martins Pereira. E ainda foram escolhidos dez conselheiros suplentes, a saber: Felipe Antônio Cury, Paulo José Simão, Rivadávia Alves Cardoso, Maurício Peneluppi, Cléber Wilson Córdoba Lima, Luiz Antonio Sabonge, Hélio Porgues, Hamilton do Nascimento Freitas, José Nicodemo e Ruberval Bastos.

Em 1977, o nome da competição foi alterado para Campeonato Paulista da Série Intermediária, nomenclatura que permaneceu até 1979. Em 1980, passou a se chamar Segunda Divisão e, naquele ano, o São José Esporte Clube conquistou o título da competição, vencendo o Grêmio Catanduvense na final por 4 a 0 e passou à Primeira Divisão Estadual (atual Série A-1).

O clube esteve na elite do futebol paulista por três anos, até 1983, e em 1984 não participou da competição - retornou ao futebol profissional no ano seguinte, novamente na Segunda Divisão. O São José levou mais três anos para conseguir voltar à elite. Em 1987, venceu a Série Especial e chegou à Primeira Divisão, competição que participou de 1988 a 1993, quando foi rebaixado.

De 1994 a 1996 esteve disputando a Série A-2 do Campeonato Paulista, competição que credenciou o time novamente à Série A-1 de 1997. No ano 2000, o clube foi mais uma vez rebaixado para a Série A2 e, quatro anos mais tarde, em 2004, caiu para a Série A-3. Em 2006 conseguiu o vice-campeonato da Série A-3 e voltou a disputar a A-2, em 2007, onde permanece até os dias atuais.

Na história deste clube, apelidado de "Águia do Vale", foram constantes as quedas e as ascensões . A primeira vez que o São José conquistou o direito de estar entre os grandes foi em 1972, com o título obtido na então chamada 1ª Divisão – a principal era a Especial. Caiu em seguida e retornou em 1981 graças ao título obtido no ano anterior na chamada 2ª Divisão. No mesmo ano foi finalista do 2º turno. Mais uma vez caiu, e de novo retornou, dessa vez em 1988, por ter sido campeão da Divisão Especial um ano antes. Obteve nesse ano o 4º lugar. O maior feito de sua história foi o vice-campeonato paulista da divisão maior, obtido em 1989 – o São Paulo só foi campeão graças a um empate sem gols e uma vitória por 1 a 0 com um gol contra marcado pelo zagueiro e lateral esquerdo André Luís. O último titulo do São José foi a Copa Vale de 1996 , o São José derrotou o Aparecida na final.

Capítulo 4 - Desenvolvimento do roteiro

Roteiro

É todo o documentário no papel, que contém textos, indicações técnicas, nome dos entrevistados, músicas e interpretes, indicação de discos, CDs, MDs, cartuchos, indicações de comerciais, passagem, intervalo comercial, etc.

"Um roteiro bem elaborado facilita a leitura do locutor, repórter e o trabalho do operador de som e na edição".

(FERRARETTO, 2001, p.294).

Gravação

"São três tipos de gravações com os entrevistados, embora qualquer situação possa envolver as três categorias em maior ou menor grau. São elas: informações ao ouvinte.

O objetivo da entrevista informativa é transmitir informações ao ouvinte. Na entrevista interpretativa, o entrevistador fornece os fatos e pede ao entrevistado que os comente ou explique. O objetivo é expor o raciocínio dele ou dela, permitindo ao ouvinte fazer um julgamento sobre o senso de valores ou as prioridades do entrevistado.

O entrevistador precisa estar bem informado, alerta e atento para captar e desafiar as opiniões expressas.

O objetivo da entrevista emocional é dar uma idéia do estado de espírito do entrevistado, de modo que o ouvinte possa entender melhor o que ocorre em termos humanos".

(MCLEISH, Robert. Produção de Rádio, p. 43, Editora Summus).

Edição

Os princípios da edição

O objetivo da edição pode ser resumido da seguinte maneira:

-rearranjar o material numa seqüência mais lógica;

-retirar aquilo que não é interessante ou que é repetitivo, ou tecnicamente inaceitável;

- compactar material;

- criar efeitos e produzir novos arranjos de locução, música, som e silêncio.

A edição não deve ser usada para alterar a o sentido do que foi dito ou para colocar um material num contexto involuntário.

Ao se fazer uma edição, há sempre duas considerações, a editorial e a técnica. No sentido editorial é importante deixar intacta, por exemplo, a visão do entrevistado e as razoes que a embasam. Seria errado incluir uma declaração fundamental, mas omitir uma ressalva essencial por causa da falta de tempo. Por outro lado, os fatos geralmente podem ser editados e incluídos mais economicamente no material de sinalização introdutório. Também quase sempre é possível retirar algumas das perguntas do entrevistador, ou todas, e deixar que o entrevistado continue. Se o entrevistado gaguejar ou fizer pausas por longos períodos, a edição da fita obviamente poderá remover essas lacunas, mas não seria recomendável remove-las por completo, pois isso pode alterar a natureza da voz individual. Editar pausas de uma entrevista que indicam reflexão ou excitação pode trazer resultados engenhosos.

"A falha de edição mais freqüente é a remoção da pequena pausa de parágrafo que ocorre naturalmente na fala. Não faz sentido aumentar o ritmo ao mesmo tempo em que se destrói metade do significado – o silêncio não é necessariamente um valor negativo".

(MCLEISH, Robert. Produção de Rádio, p.35, Editora Summus).

Finalização

Para cumprir o horário, é útil dispor de um cronômetro sincronizado com o relógio do estúdio, o que permitirá um *handback* bastante preciso, mas se não houver horário fixo, a sinalização é apenas dada no final do evento.

Após o entusiasmo que cerca um evento, é muito fácil criar-se uma sensação de anticlímax. Mesmo depois de tudo terminado e o público já indo embora, o comentário deve manter o espírito do evento em si, talvez com um breve resumo ou mencionando uma próxima ocasião semelhante. Outra técnica é o equivalente no rádio à tomada de ângulo aberto da televisão. O comentarista "afasta-se" do detalhe da cena, concluindo de forma como começou, ou seja, com uma impressão geral do quadro total antes de finalizar com algumas palavras previamente combinadas que indicam o retorno ao estúdio.

Muitos radialistas preferem que aberturas e encerramentos estejam contidos no *script*. Certamente, se você inventou uma frase bem elaborada, sua inclusão em qualquer parágrafo final contribuirá adequadamente para o esforço do comentarista em resumir tanto o espírito quanto a ação do momento.

(MCLEISH, Robert. Produção de Rádio, p.164, Editora Summus).

Considerações finais

O intuito deste trabalho é fazer com que mais pessoas se interessem pelo futebol regional, principalmente pelo São José Esporte Clube, e trazer cada vez mais fãs ao estádio, através do rádio, e sempre na companhia do bom e velho radinho de pilha, que oferece os detalhes que não são notados na agitação da torcida.

Referências bibliográficas

Livros

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MCLEISH, Robert. *Produção de Rádio, Um guia abrangente da produção radiofônica*; Editora Summus, 2001.

SIMÕES, Alberto. *Esporte Formigão e Águia;* Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1992.

NETO, José Jorge Farah e KUSSAREV Jr., Rodolfo. *Almanaque do Futebol Paulista;* Editora Panini, 2000.

NETO, José Jorge Farah e KUSSAREV Jr., Rodolfo. *Almanaque do Futebol Paulista;* Editora Panini, 2001.

STORTI, Valmir e FONTENELLE André. *A história do Campeonato Paulista*; Editora PubliFolha, 1997.

UNZELTE, Celso. *O Livro de Ouro do Futebol;* Editora Ediouro, 2002.

MATTOS, Amir. *Enciclopédia do Futebol;* 2002.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa;* Editora Nova Fronteira.

VALENTINI, Danilo. *Mini-Enciclopédia do Futebol Brasileiro;* Editora Lance, 2004.

Documentos

Entrevista realizada com o diretor do Museu do Esporte de São José dos Campos e ex-jogador do Esporte Clube São José, José Friggi no dia 14/03/2008.

Entrevista realizada com o comentarista esportivo da rádio Bandeirantes AM 1120, Antônio Carmo no dia 05/04/2008.

Entrevista realizada com Locutor esportivo da rádio Bandeirantes AM 1120 e historiador de esportes de São José dos Campos, Alberto Simões 06/04/2008.

Entrevista realizada com o zelador do estádio Martins Pereira, e ex-presidente do Esporte Clube São José, João Lopes Moreno nos dias 06/04/2008 e 07/04/2008.

Periódicos

Jornal *Vale Paraibano* - data 29 de junho e 03 de julho de 1989, e 21, 23, 24, e 25 de maio de 2007.

Jornal *Lance* - data 13 de agosto de 2001.

Jornal *A Gazeta Esportiva* - data 29 de junho e 03 de julho de 1989.

Revistas *Placar* nº. 1.101 e 1.263-A.

Eletrônicos

- Site: www.placar.com.br

Acessado em 10/04/2008.

- Site: www.radiobandeirantes.com.br

Acessado em 15/04/08.

- Site: www.fanaticosporfutebol.com.br

Acessado em 15/04/08.

- Site: www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br

Acessado em 15/04/08.

- Site: www.albertosimoes.com.br

Acessado em 15/04/08 e em

- Site: www.futebolpaulista.com.br

Acessado em 15/04/08.

- Site: www.saopaulofc.net

Acessado em 15/04/08.

- Site: www.valeparaibano.com.br

Acessado em 15/04/08 e 16/04/08.

- Site: www.arquivodeclubes.com

Acessado em 16/04/08.

- Site: www.futebolinterior.com.br

Acessado em 16/04/08.

- Site: www.bolanaarea.hpg2.ig.com.br

Acessado em 16/04/08.

- Site: www.suapesquisa.com/futebol

Acessado em 15/04/08, 16/04/08 e 10/06/08.

Narração gol inicio.mp3

(0’01’’) Já são 38 minutos do primeiro tempo, esse gol tem que sair minha gente, o Esporte esta na pressão e atenção para a cobrança do lateral. (0’11’’)

Gol_Bruno_AS.mp3

(0’01’’)Erguimento de bola na área pequena, bateu de cabeça gol, gol, gol, gol gol, gol, gol, gol, gol. É gol do São José, é gol do São José, Bruno, camisa número 10.
Estremece o Martins Pereira, o pequenino Bruno se enfiou pelo meio da defesa. (0’29’’)

Sonora1_AS.mp3

(0’01’’) O Esporte Clube São José nasceu para o futebol, e também desenvolveu atividades sociais na década de 30 na década de 40, agente não tem com precisão quando realizou as suas primeiras partidas, mas sabe-se que nesse período que foi o do futebol amador não havia ainda profissionalismo, e havia ainda três forças no futebol amador em São José dos Campos que disputavam o campeonato da cidade num período anterior a fundação da própria liga municipal de futebol, haviam campeonatos estaduais, regionalizados aqui no Vale do Paraíba, e os times de São José que participavam eram: Associação Esportiva São José, o clube mais antigo da cidade, a Associação Atlética Santana do Paraíba - com 95 anos de existência, o segundo mais antigo com a diferença de meses da Associação Esportiva São José – e o Esporte Clube São José que nasceu em 1933. Quer dizer que de 33 até o inicio da década de 50, era só futebol amador, e o São José jogava futebol amador rivalizando os clássicos Esporte e Associação, era como se denominavam aqui da cidade, Esporte era o Esporte Clube São José. Era conhecido como Esporte. (1’20’’)

Sonora2_AS.mp3

(0’01’’) O maior artilheiro do São José em 57, foi Walter Toco, muito provavelmente tenha sido ele o autor do primeiro gol do São José na história do futebol profissional. Ele era um pegador, isso é inquestionável, foi quem fez mais gols em 57 pelo São José, agora, se ele foi o primeiro nem ele se lembra muito bem, agente acredita que tenha sido sim, Walter Toco o autor do primeiro gol, Walter Friggi, o primeiro grande artilheiro da história do São José. Nós não conseguimos dados oficiais porque a própria Federação Paulista de Futebol, na mudança de sede da Brigadeiro Luis Antônio para o prédio novo onde funciona ali perto do CT do Palmeiras, na Marquês de São Vicente, a mudança eles perderam muita documentação, é inacreditável, triste, mas as sumulas e histórias dos jogos da década de 50,

mesmo indo a Federação agente já não encontra mais, conseguimos levantar todos os jogos do São José, em 1957, os resultados oficiais não tem erro. (1’01’’)

Sonora3_AS.mp3

(0’01’’) O Estádio Martins Pereira foi inaugurado no dia 15 de março de 1970. O São José não tinha um time de futebol a altura pra fazer a inauguração ele estava recomeçando depois de 2, 3 anos parado, trouxe quatro forças do futebol brasileiro pra um quadrangular, Internacional de Porto Alegre, Atlético Mineiro, Corinthians e Palmeiras, e o São José, teve que mandar embora o Palmeiras e o Internacional de Porto Alegre da Segunda rodada do quadrangular por que não havia mais dinheiro para pagar, certo, desfez o contrato. Haveria um jogo da disputa pelo terceiro lugar entre Palmeiras e Internacional, o Atlético ganhou do Internacional por 1x0, o Corinthians ganhou do Palmeiras nos pênaltis e ai foram fazer a final, Corinthians e Atlético Mineiro, o Atlético Mineiro foi o Campeão. O primeiro Campeão do Estádio Martins Pereira, foi o Clube Atlético Mineiro, ganhando a final do quadrangular. (0’53’’)

Sonora4_AS.mp3

(0’00’’) O São José jogou no dia 22 de março na preliminar de Atlético e Corinthians contra o Nacional de São Paulo, no primeiro jogo do São José no Martins Pereira, ele perdeu para o Nacional por 1x0, no dia 29 um amistoso contra o Saad de São Caetano, a primeira vitória do São José no Estádio Martins Pereira, 2x1 em cima dos Saad, primeiro gol da história do São José foi marcado pelo jogador Dias, e esse Martins Pereira que foi construído com sangue suor e lágrimas, o São José perdeu em 1986, por não ter pago as dividas da construção do estádio pra empresa RTV Engenharia e Construções LTDA. Graças ao prefeito Edinardo José de Paula Santos na época, o estádio foi incorporado a urbanizadora municipal, URBAN, prefeitura, do contrario o estádio teria sido leiloado e ali seria demolido e será um conjunto habitacional onde hoje está o Martins Pereira. Mas felizmente o estádio passou para a municipalidade e está aí o estádio Martins Pereira um dos mais belos estádios do interior, eu não tenho a menor duvida disso, e se ele fosse concluído da forma como Mário Ottoboni Projetou, ele teria capacidade para 40.000 torcedores porque no projeto original, existia um segundo anel de arquibancadas por cima deste que existe hoje. Esse é o projeto original do Martins Pereira.(1’24’’)

Narração_Gol_Dadá.mp3

(0’01’’) correu, bateu, a bola chocou-se com a barreira. Subiu, entrou Dario, é fogo, GOL! Dario, torcida brasileira! (0’23’’)

Sonora1_JM.mp3

(0’00’’) Olha, nós fomos campeões do estado, e fomos levantar o título em Garça. Eu fui chefiando a delegação junto com o José Luis, Wilson Renato, e fomos para Bauru, ficamos lá 3 dias e depois fomos até Garça, aqui nós ganhamos de 3x0 do Garça, e lá nós empatamos, 0x0, só que não tinha a lei do acesso, nós recebemos um prêmio da Federação Paulista de Futebol. No dia da vitória, nós fomos recebidos no gabinete do prefeito com aplausos, um abraço, foi um dia muito feliz, tivemos aqui a noite, nós fomos recebidos no gabinete e fizemos um passeio pela cidade, fomos até Santana no caminhão do bombeiro e foi pra nós uma grande festa. (1’00’’)

Sonora5_AS.mp3

(0’00’’) A rivalidade contra o Taubaté é antiga, é do tempo do futebol amador, conta-se que os taubateanos quando recebiam o São José pra jogar, o esporte, pra jogar lá em Taubaté, a torcida passava a semana inteira colecionando, colocando em vidros, formigas saúva pra atirar nos jogadores quando eles entravam em campo. Foi uma história contada por Nelson Martins Pereira, um dos fundadores do São José, e ele me contou isso quando eu estava escrevendo um livro sobre o São José ele me contou dessa rivalidade sobre o formigão, e como aqui era uma região de muitas formigas, em São José dos Campos, muitos formigueiros, ficou Formigão do Vale. A rivalidade contra o Taubaté, portanto, começou no tempo do futebol amador. (0’40’’)

Narração_Gol_Tião_Marino.mp3

(00’03) **Paulo Roberto**: No Pacaembu a bola rola e a Piratininga não enrola. São José! Limpo a parte troco de pé, chutou direto e é gol, gol!Outra vez Tião Marino! – (00’31)

(00’42) **Paulo Roberto**: Tião Marino, Tião Marino, Tião Marino, sempre Tião Marino, infernal esta noite no Pacaembu, perdido o grêmio esportivo catanduvense. Nenê pela ponta esquerda, trocou de pé do esquerdo pro direito. Limpou o lance, sobra e bate. Cruzou na medida pra Tião Marino outra vez tocar depressa contra o arco de Barbiroto. E agora goleirão? Pega no fundo da rede, vai Ângelo com a vibração da torcida no Pacaembu. (00’14)

(00’15) **Ângelo:** O chamado goleiraço, meu amigo Paulo Roberto e meus amigos da jovem Piratininga, Nenê, sofreu a penalidade máxima mas não caiu, limpou da esquerda pra direita, fez o cruzamento e novamente Tião Marino. Tava para frente mas bem marcado, olhe o detalhe, chegou de cabeça tocou por cima de Barbiroto que não viu a cor da bola, dois a zero, o São José mais perto da primeira divisão. (00’37)

Sonora6_AS.mp3

(0’00’’) O São José realizou a sua melhor campanha dentro do paulistão em 89, quando foi vice campeão paulista. Dizem as línguas de fogo, que o São José entre aspas, entregou pro São Paulo a final do campeonato. Não é bem que entregou, ele não se interessou, a diretoria não teria tido um grande por que não brigou por exemplo pra fazer com que um jogo fosse em São José, e o São Paulo levou os dois para o Morumbi, e mesmo assim, como tipo, o time do São José era muito bom, merecia ter sido campeão inclusive, porque o São Paulo ganhou com um gol contra do André Luis depois na final foi 0x0, foi uma infelicidade muito grande aquele lance do André Luis.

Quando eu falo “língua de fogo”, “más línguas”, quanto ao negócio de entregar, é pelo aspecto de não terem se interessado em jogar aqui porque aqui no Martins Pereira, acredita-se que o São Paulo não ganharia o Jogo, não conseguiria ganhar do São José aqui. O São Paulo já teve experiências anteriores de jogar aqui e não conseguia ganhar do São José em partidas decisivas aqui no estádio Martins Pereira. (1’09’’)

Sonora1_ZF.mp3

(0’00’’) Eu não sei o critério que foi feito quanto aos dois jogos serem no Morumbi, o Sumaré contra o Corinthians foi aqui, tinha 18 mil, 20 mil pessoas, mas a final do campeonato, o manda era da federação, então a federação fez os dois jogos lá. Agora se você perguntar pra mim, “a renda do São José no mando dele, foi quanto?”, “ficou com o São José?”, esse tipo de coisa, não sei dizer. Mas que o mando era da federação e os dois jogos foram lá, foi. O primeiro jogo tinha 50 mil torcedores, e o segundo tinha 97 mil. (0’33’’)

Narração_Gol1000.mp3

(0’00’’) **Paulo Roberto**: Marca de 5 minutos do primeiro tempo, o placar de 0 a 0, pressão da Águia pode pintar o primeiro gol, levantou pra boca do gol, de cabeça tocou, GOOOOL, é o gol mil da Águia, é o gol mil, Ricardo Villa vai pra rede, num levantamento demais, o Silveira, fechado pra boca do gol. Um toque magistral na cobrança, um fechamento beleza de

Ricardo Villa, a rede balançou, a torcida da Águia vibrou, Antônio Carmo, o gol da Águia, Carmo. (0’49’’)
(0’49’’) **Antônio Carmo**: E um gol histórico, o milésimo gol do São José nesse Martins Pereira (0’54’’)

Locução_Frederico.mp3
(0’00”) Esta é a história de um time que está em nossos corações, uma história de amor, de tradição e de fé, uma história que orgulhosamente os alunos da primeira turma de Rádio e Televisão da Univap, trazem a todos os torcedores do São José Esporte Clube.

Tudo começou em princípios de agosto de 1933, de um fato aparentemente irrelevante foi de onde acabou nascendo um grande clube de futebol. Naquela ocasião o novo clube foi fundado graças a um desentendimento entre alguns diretores da Associação Esportiva São José. Esse desentendimento só aconteceu porque na época Galiano Alves convidara um jogador do DER (Departamento de Estradas e Rodagens), para compor a equipe da Associação na disputa de um campeonato amador, mas o jogador acabou sendo ignorado pelos outros diretores. Chegou a realizar alguns treinos, mas não foi escalado no time principal nenhuma vez. Galiano ficou muito revoltado e ao mesmo tempo magoado com o pouco caso dos companheiros de diretoria.

Depois de tudo o que havia acontecido, Galiano estava sem ambiente para continuar fazendo parte da diretoria da Associação e resolveu demitir-se do clube. Sua insatisfação o levou a procurar alguns amigos mais chegados, e que ao mesmo tempo gostassem de esportes, para que iniciassem um trabalho de fundação de uma nova agremiação social e esportiva na cidade de São José dos Campos. Com isso convidou os amigos: Victorio Pulga, Pedro Salustiano de Faria e Clementino de Oliveira, que formaram uma comissão, para tomar as primeiras providências na organização e fundação da nova agremiação.

O primeiro passo dos fundadores do São José foi a compra de um terreno para a localização do campo. A área adquirida localizava-se na Rua Antônio Saes, custou 11 mil réis, e cada fundador colaborou com a importância de 2 mil, o restante foi pago depois por Nélson Martins Pereira. Victorio Pulga assinou o compromisso de compra do terreno, e depois da aquisição, eles convidaram outros amigos para a reunião de fundação, uma vez que o primeiro passo já havia sido dado.

A sessão de fundação do Esporte Clube São José, foi presidida por Galiano Alves e secretariada por Carlos Belmiro dos Santos em um prédio da Rua Sebastião Hummel, centro da cidade, onde foi instalada a primeira sede do clube. E naquela data por proposta do presidente Galiano Alves, foram aprovadas as cores da camisa do Esporte Clube São José: preto e branco. Coube ao esportista Danilo Monteiro desenhar o distintivo. E assim no dia 13 de agosto de 1933, nasceu para o futebol o Esporte Clube São José, se tornando então o maior rival da Associação Esportiva, contra quem disputava os campeonatos amadores da região, como conta o historiador Alberto Simões...

Anos mais tarde, a Associação desativou o seu departamento de futebol para construir um clube poli esportivo, deixando somente para o São José a representação do futebol profissional da cidade.

De 1933 à 1957, o Esporte Clube São José somente disputava campeonatos amadores. Deixando o amadorismo em 57, quando disputou, como experiência e por iniciativa do então presidente Nélson Martins Pereira, a Terceira Divisão de Profissionais da Federação Paulista de Futebol, o que nos dias atuais equivale à Série B-1.

O treinador no início da competição era Dionísio Alves da Silva, que depois cedeu lugar ao diretor Jorge Pinto de Souza. O artilheiro joseense daquele ano foi Walter Toco, porém não é possível saber ao certo se ele foi o primeiro jogador a marcar um gol pelo São José depois do profissionalismo do clube, pois em uma mudança de sua sede, a Federação Paulista perdeu alguns documentos, inclusive súmulas de jogos daquele ano, como nos conta o professor Alberto Simões...

Naquela temporada, o Esporte como também era conhecido, só fez uma experiência, dando um tempo no futebol profissional nos anos de 58 à 63, voltando em definitivo ao profissionalismo em 1964, quando era presidido pelo ex-goleiro Mário Ottoboni.

Em março de 1964, o São José voltou ao futebol profissional, e naquele ano voltou em grande estilo, sagrando-se campeão da Terceira Divisão após passar pela Bancária de Fernandópolis. Já no ano seguinte, em 65, a equipe conseguiu o segundo título e acesso consecutivo, ao derrotar o Orlândia por 2 a 1 e garantir o título da Segunda Divisão, o que equivale a atual Série A-3 do Campeonato Paulista. Com isso, em 1966 o Esporte Clube São

José, pôde participar pela primeira vez em sua história da divisão de acesso ao Paulistão, hoje conhecida como Série A-2.

O Estádio Martins Pereira, começou a ser construído em 1968, sacrificando o futebol profissional da cidade com o São José, que ficou dois anos desativados depois de pedir licença na Federação Paulista. Antes, o "Formigão do Vale", como também era conhecido, mandava seus jogos no estádio da Rua Antônio Saes, em um campo que também levava o sobrenome dos irmãos Mário e Nélson: Martins Pereira. Um estádio com arquibancadas de madeira e capacidade para cerca de 5 mil torcedores, e que foi vendido para a construção de um novo estádio, no bairro Jardim Paulista. O novo Estádio Martins Pereira foi inaugurado no dia 15 de março de 1970, como nos conta o historiador Alberto Simões...

O jogo inaugural do Estádio Martins Pereira aconteceu entre Atlético-MG e Internacional de Porto Alegre, e naquela ocasião o Galo mineiro venceu por 1 a 0. Gol de Dário, o Dadá Maravilha, aos 29 do primeiro tempo, como narra o locutor Fiori Gigliotti...

A primeira partida do São José em seu novo estádio aconteceu contra o Nacional da capital, derrota por 1 a 0, no dia 22 de março de 1970. A primeira vitória só aconteceria uma semana depois, contra o Saad de São Caetano do Sul, 2 a 1, e o primeiro gol do São José em sua nova casa foi marcado pelo médio volante Dias, como nos fala o historiador Alberto Simões...

Em 1972, a equipe chegou a ser campeã da Primeira Divisão, a Série A-2 de hoje, empatando em 0 a 0 com o Garça, na cidade do adversário, mas naquele ano o campeonato não dava direito a acesso à Divisão Especial a atual Série A-1. Em jogo dramático, disputado no acanhado estádio da cidade de Garça, o Esporte Clube São José sagrou-se campeão paulista da Primeira Divisão de 1972. Ganhou o primeiro jogo de 3 a 0, no Martins Pereira, gols de Dandô, Xavier e Pedroso da equipe do Garça que marcou contra. Não houve acesso à Divisão Especial, o que gerou protestos em São José dos Campos, a Federação Paulista só ofereceu uma taça e um prêmio em dinheiro, pois era isso o que previa o regulamento daquele ano. O ex-presidente do São José, João Moreno nos conta como a delegação joseense foi recebida ao regressar a cidade...

O time profissional da cidade continuou com o nome de Esporte Clube São José até dezembro de 1976 quando, atolado em dívidas, e quase falido, foi obrigado a mudar de nome

para fugir das cobranças e ameaças de penhora. Na oportunidade, Altamirando Negrão de Palma assumiu a presidência do clube e, junto de outros três diretores, Geraldo Marcolongo, Sérgio Ângelo e Pedro Yves Simão, procuraram ajuda na Federação Paulista que, em uma manobra inteligente, fez com que o Esporte Clube São José se transformasse em São José Esporte Clube, mudando inclusive as cores do uniforme e o distintivo. O alvinegro foi substituído pelo azul, amarelo e branco que são as cores oficiais da cidade. O distintivo também se tornou semelhante ao brasão da cidade de São José dos Campos e com isso a equipe ganhou o apelido de "Azulão do Vale". As dívidas ficaram para o antigo clube, que foi abandonado sem ser extinto. Mesmo assim, a nova equipe manteve sua vaga normalmente na Divisão de Acesso. Muitos dos jogadores foram indenizados e recontratados pela nova diretoria. Nascia, assim, um "novo São José", o São José Esporte Clube, já com nova ata e novo estatuto, fez seu primeiro jogo oficial no Estádio Martins Pereira no dia 29 de janeiro de 77, contra o São Paulo Futebol Clube, para um público de 4074 espectadores, a partida terminou empatada em 0 a 0.

Em 1977 o São José disputou o Campeonato Paulista da Primeira Divisão e chegou até a fase final. Mas uma derrota em casa por 2 a 0 para a Francana, diante de 16.223 torcedores acabou com os sonhos dos joseenses de subirem à divisão de elite. Já em 78, assim como no ano anterior, o São José disputou a Divisão de Acesso e foi eliminado na fase final, desta vez perdendo para o Velo Clube em Rio Claro por 1 a 0. Naquele ano a Águia foi escolhido como o novo mascote oficial do São José, por sugestão do então presidente Laerte Pinto da Cunha. Pois dizia ele que a Águia é um animal de muita garra e que luta sempre até o fim contra todas as dificuldades.

Em 1979 uma das maiores tristezas da história da Águia. Na última rodada do quadrangular final da divisão de acesso, precisava apenas de um empate em casa contra o seu arqui-rival Taubaté para ser campeão e subir a divisão de elite. Mas, como perdeu o mando de campo, teve que jogar no Estádio Palestra Itália, em São Paulo, e perdeu por 2 a 1. O São José tinha melhor time e campanha durante todo o campeonato, mas quem subiu foi o time taubateano.

O que fez com que a rivalidade entre as duas equipes aumentassem ainda mais, pois já existe desde o tempo do futebol amador, como explica Alberto Simões...

Já em 1980 um dos melhores times que o São José montou em sua história. Pela primeira vez, foi campeão da Segunda Divisão, garantindo uma vaga na Divisão de Elite do futebol estadual, após golear o Grêmio Catanduvense por 4 a 0 no Estádio do Pacaembu em São Paulo. Com uma campanha impecável, o destaque daquele time foi o centroavante Tião Marino, artilheiro da equipe e maior goleador da história do São José, jogou no clube cinco anos consecutivos, e de 79 a 83, marcou 82 gols em 224 partidas. Tião Marino enlouqueceu a torcida com dois gols naquela noite, o segundo dele e do São José você escuta na narração do locutor Paulo Roberto de Paula...

Participando da principal divisão do Campeonato Paulista pela primeira vez em 81, o São José fez bonito, terminando à frente de grandes como Corinthians, Palmeiras e Portuguesa. Chegou a disputar uma vaga para a final, na decisão do segundo turno contra o São Paulo. A Águia venceu o primeiro jogo por 1 a 0, no Martins Pereira, gol de Ademir Melo, mas não resistiu ao Tricolor no segundo jogo, perdendo por 3 a 2 no Morumbi. Na classificação geral, ficou em sétimo e garantiu uma vaga na Taça Ouro do ano seguinte, equivalente hoje ao Campeonato Brasileiro.

Em 1982, o São José fez uma boa participação na primeira fase da Taça Ouro, ficando em primeiro lugar no seu grupo que tinha equipes tradicionais, como o Grêmio, Atlético-MG e Vitória da Bahia. Na segunda fase, perdeu a chance de se classificar para as oitavas de final ao empatar em casa com o Bangu por 2 a 2, quando já vencia por 2 a 0 e necessitava apenas de uma vitória simples para se classificar. Mesmo assim, a campanha foi positiva. No Campeonato Paulista, não conseguiu repetir a boa campanha do ano anterior, e terminou apenas em 12º lugar. Já no Paulistão de 83, com um elenco envelhecido e mal reformulado, o São José acabou ficando em último lugar, sendo rebaixado na última rodada após uma derrota de 3 a 1 para o Corinthians no Palestra Itália.

No ano de 84, o São José estava passando por uma grave crise financeira, e pediu licença junto à Federação Paulista para não participar do campeonato da Segunda Divisão. Participou apenas de alguns amistosos e torneios não oficiais naquele ano. No ano de 85, ainda em difícil situação financeira, a diretoria da Águia montou um time limitado para disputar o acesso ao Paulistão, mas apenas colecionou uma seqüência de resultados adversos e não conseguiu uma boa colocação. Em 86 com um time um pouco melhor, também fez uma campanha discreta ficando assim mais um ano na fila.

Com Pedro Yves e Diede Lameiro na direção em 87, a Águia montou um time muito bom no ano em que se criou a Divisão Especial, atual Série A-2. O São José estava invicto até então no campeonato, e acabou perdendo os dois jogos da final festiva contra o União São João. Mesmo com o vice-campeonato, ascendeu novamente à Divisão de Elite do futebol paulista. De volta à primeira divisão do estadual em 88, o São José não decepcionou e fez uma excelente campanha. Terminou em quarto lugar e só foi eliminado na última rodada do quadrangular final, quando perdeu de 1 a 0 para o Guarani.

1989, o ano em que o São José passou pelo melhor momento de toda sua história. Com um time espetacular, foi vice-campeão paulista, perdendo o título para o São Paulo em dois jogos espetaculares, como nos conta o historiador Alberto Simões...

As duas partidas das finais foram disputadas no Estádio do Morumbi, porque o mando era da Federação, como nos conta o ex-jogador e historiador Zezinho Friggi...

No primeiro jogo o São José acabou derrotado por 1 a 0, com um gol contra do zagueiro André Luís em uma jogada de linha de fundo. O segundo jogo acabou empatado em 0 a 0 e o São Paulo foi o campeão daquele ano. Para os torcedores da Águia, além das partidas finais, outro o jogo que marcou aconteceu no Estádio Martins Pereira para mais de 19 mil pagantes, foi a vitória por 3 a 0 em cima do Corinthians nas semi-finais. No segundo semestre o São José disputou o Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão, no qual sagrou-se novamente vice-campeão, desta vez perdendo a final para o Bragantino. Mesmo assim, garantiu vaga na Série - A do Brasileirão de 90.

Nesse ano pode-se dizer que o São José foi do "céu ao inferno" muito rápido. Depois das glórias conquistadas em 89, a Águia do Vale fez um péssimo Campeonato Paulista e acabou eliminado na primeira fase, tendo que disputar em seguida uma repescagem. E como também não se saiu bem nessa repescagem, o São José disputou em um grupo mais fraco no ano seguinte, uma espécie de "segundona disfarçada". Ainda em 1990 o time participou pela primeira vez da Copa do Brasil, já que havia sido vice-campeão paulista no ano anterior. Também deu vexame e foi eliminado pelo Coritiba logo na primeira fase. Já no Brasileirão, montou um time fraco, que ficou em penúltimo lugar sendo rebaixado para a Série - B, após manobra do Vitória no "tapetão".

No primeiro semestre de 91, disputou o Campeonato Brasileiro da Série - B com um time praticamente formado por juniores. Começou bem, vencendo os dois primeiros jogos, mas depois não ganhou mais nenhum e não passou da primeira fase. No Campeonato Paulista da Segunda Divisão, o São José novamente foi fraco, e teve que lutar muito para não ser rebaixado à Divisão Intermediária, atual Série A-3. Só conseguiu se livrar na penúltima rodada, após uma vitória de 3 a 1 sobre o São Bento de Sorocaba, no Estádio Martins Pereira.

No ano seguinte, em 92, o São José montou um time forte para disputar o Campeonato Brasileiro da Série - B, já que naquele ano subiriam 12 equipes para a primeira divisão. A Águia chegou a vencer o Grêmio por 3 a 0 em casa, mas teve alguns tropeços, como uma derrota para o Paraná por 1 a 0 em pleno Estádio Martins Pereira, quando o São José perdeu até pênalti. Acabou sendo eliminado na última rodada da primeira fase, por apenas um ponto. Para o campeonato estadual, como não haveria rebaixamento naquele ano, a diretoria resolveu montar um time modesto, que tentou se manter entre os primeiros no começo, mas depois não agüentou o ritmo e terminou na antepenúltima posição.

Em 93, o São José montou um time com o intuito de se classificar entre os primeiros do seu grupo no Campeonato Paulista, pois a partir de 94 não haveria mais cruzamentos dos grupos A e B, seria como se hoje em dia cruzassem-se as Séries A e B do Paulistão. Portanto, se não se classificasse, era como se estivesse sendo rebaixado. E, de fato, foi o que aconteceu. A Águia ia bem nos jogos em casa, não perdeu nenhum, mas, por outro lado, não conseguia vencer fora. Com isso, ficou apenas em quinto lugar, sendo que somente os quatro primeiros subiriam ao Grupo A do ano seguinte. No segundo semestre, não participou do torneio seletivo para o Brasileirão da Série-B de 94, por considerar uma competição deficitária.

Na recém criada Série A-2, o São José fracassou novamente em 94. Fez um primeiro turno excelente, terminando em primeiro lugar. Mas, ao contrário do ano anterior, o time joseense conseguia seus principais resultados fora de casa, enquanto fracassava em seus domínios. Com isso, obteve uma seqüência de empates e derrotas que o tiraram da briga pelo acesso. No ano de 95, esteve sempre na briga pelas primeiras posições, mas em um campeonato longo, com três turnos, o São José perdeu o fôlego na reta final e ficou na fila mais uma vez. No campeonato de 96 depois de sofrer uma goleada histórica de 7 a 0 para a Paraguaçuense, o São José foi se acertando e finalmente conseguiu voltar a primeira divisão, após ficar com a terceira e última vaga no quadrangular final.

De volta à Primeira Divisão, em 1997, o São José teve, pela primeira vez, uma mulher como presidente, Lindonice de Brito. O time foi mal formado e só se livrou do rebaixamento na última rodada, com um empate em casa contra o Rio Branco de Americana por 1 a 1, com o gol joseense sendo marcado pelo zagueiro Toninho aos 37 minutos do segundo tempo. O único bom momento do São José naquele ano foi uma vitória de 2 a 0 sobre o Corinthians no Martins Pereira.

Em 2004 o São José teve o seu futebol terceirizado por um empresário paulistano, Antonio Mangino Neto, que demonstrou uma incompetência sem igual na história do clube, o resultado foi o inédito rebaixamento a Terceira Divisão do Campeonato Paulista. Em campo o que se via era um time amador, formado por jogadores do próprio Mangino, sob comando do fraquíssimo treinador Luís dos Reis. 2004 marcou a volta do clássico do Vale, entre São José e Taubaté. Na primeira partida o São José levou a melhor vencendo por 1 a 0 no Martins Pereira, aliás foi a única vitória em todo o campeonato, já no returno a Águia sofreu o revés por 4 a 1.

Com uma campanha impecável dentro de casa, e uma campanha não muito boa fora, em 2006, o São José consegue a ascensão para a Série A-2 do Paulista. O time foi montado por jovens jogadores da cidade, e com um técnico firme, o comandante era o ex-zagueiro do São José, Mário Amado, o Marião. A Águia conseguiu a ascensão fora de casa com uma vitória por 2 a 0 em cima da forte equipe do Santacruzense, resultado que deu também o direito de disputar o título do campeonato frente o Botafogo de Ribeirão Preto. Porém o São José jogando fora deixou escapar o título da decisão perdendo por 1 a 0, ficando assim com o vice-campeonato da Terceira Divisão.

Retornando à Série A-2 do Campeonato Paulista em 2007, o São José teve pela frente uma das mais difíceis edições de todos os tempos. Além de clubes tradicionais, como União São João, Inter de Limeira, Botafogo, Portuguesa Santista, Mogi Mirim entre outros, o campeonato contou ainda com duas grandes forças do futebol paulista, rebaixadas no ano anterior: a Portuguesa de Desportos e o Guarani. 2007 marcou também a volta do clássico do vale, contra o Taubaté. Neste torneio, a Águia esteve por todas as 19 rodadas da primeira fase entre o G8, o grupo de classificados para a próxima fase. Na segunda fase, o time caiu no chamado "Grupo da Morte", que era formado por Portuguesa de Desportos, Guarani, e Bandeirante. Após tropeços em casa, perdendo ou empatando jogos que tinha como ganho até os últimos minutos, o São José acabou perdendo o acesso na última rodada, para o

Guarani de Campinas, após perder por 2 a 1, no Brinco de Ouro da Princesa, um jogo que a Águia tinha a vantagem do empate. O consolo para os joseenses foi o rebaixamento do Taubaté para a Série A-3. No segundo semestre, o time participou da Copa Federação Paulista de Futebol, passando da fase de grupos, onde se encontrou com seu mais novo rival, o Guaratinguetá; porém na segunda fase o time sucumbiu e começou a planejar o próximo ano.

Para 2008, a diretoria manteve a base da equipe e o treinador Toninho Moura. O São José procurou formar um time de qualidade para o acesso de volta a Série A-1. Trouxe jogadores como Shizo e Bilinha, considerados excelentes contratações para a Série A2, e mesmo assim não conseguiu nem se classificar para o G8. Mais uma vez, o São José não foi bem em uma competição, mais sua torcida continuou fazendo a festa com a desgraça do arqui-rival Taubaté. Pelo segundo ano consecutivo a equipe taubateana foi rebaixada, chegando no fundo do poço, para disputar a Série B -1A em 2009, a quarta divisão. Para o segundo semestre contratou o agora técnico André Luís. O treinador não conseguiu se firmar, e após seis partidas deixou o comando da equipe que disputava a Copa Paulista. Valter Ferreira assumiu o comando do time que estava muito mal na competição, e não conseguiu recuperar a equipe, que nem chegou a passar da primeira fase da competição no ano do seu 75º aniversário. No dia 17 de agosto contra o Nacional da capital, o zagueiro e capitão da equipe, Ricardo Villa marcou o gol de número 1.000 do São José no Estádio Martins Pereira, como narra o locutor Paulo Roberto de Paula...

Para 2009, o Taubaté maior rival da Águia encontra-se distante. A meta da equipe joseense é alcançar o Guará, time que disputará a Série A-1, pois lá sim é o lugar do São José, o lugar pra onde ele voltará na próxima temporada e pra nunca mais sair. Com a ajuda da sua apaixonada torcida, será fácil atropelar os adversários que não serão páreos para a temida Águia do Vale.